



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES
Prof-Artes



MARNA CRISTIANE SILVA

**A INSERÇÃO DO TEXTO TEATRAL NAS AULAS DE ARTE COM
PERSPECTIVA NA CONSTRUÇÃO DE CENAS**

UBERLÂNDIA

2018

MARNA CRISTIANE SILVA

**A INSERÇÃO DO TEXTO TEATRAL NAS AULAS DE ARTE COM
PERSPECTIVA NA CONSTRUÇÃO DE CENAS**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Artes (PROF-ARTES) da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a defesa.

Linha de pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Menegaz de Paula.

UBERLÂNDIA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586i Silva, Marna Cristiane, 1970-
2018 A inserção do texto teatral nas aulas de arte com perspectiva na
construção de cenas [recurso eletrônico] / Marna Cristiane Silva. - 2018.

Orientador: Wellington Menegaz de Paula.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES).

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1428>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Arte. 2. Jogos teatrais. 3. Cenografia e cenários. 4. Prática de
ensino. 5. Ambiente de sala de aula - Texto teatral. 6. Teatro na escola.
I. Paula, Wellington Menegaz de (Orient.). II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES). III.
Título.

CDU: 7

Rejâne Maria da Silva – CRB6/1925



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

Prof Artes



A INSERÇÃO DO TEXTO TEATRAL NAS AULAS DE ARTE COM PERSPECTIVA NA CONSTRUÇÃO DE CENAS

Trabalho de conclusão defendido em 01 de agosto de 2018.

Wellington Menegaz de Paula

Prof. Dr. Wellington Menegaz de Paula – Orientador/Presidente

Renata Bittencourt Meira

Profa. Dra. Renata Bittencourt Meira - UFU

Luiz Eduardo R. Gasperin

Prof. Me. Luiz Eduardo Rodrigues Gasperin – UNICAMP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES- PROF-ARTES

**A INSERÇÃO DO TEXTO TEATRAL NAS AULAS DE ARTE COM
PERSPECTIVA NA CONSTRUÇÃO DE CENAS.**

Marna Cristiane Silva¹

Wellington Menegaz de Paula²

RESUMO

O presente artigo visa expor reflexões do percurso da pesquisa que se dedicou a um processo teatral em sala de aula. A pergunta que norteou este estudo foi: como estudantes e professora com perspectivas em criar a cena materializam o texto teatral *O Caso dos Pirilampos* por meio de expressões do corpo, dos movimentos e da voz; aliados aos jogos teatrais, fundamentados por Viola Spolin (1979)? O embasamento teórico dá-se por meio de autores como: Spolin (1979), Slade (1978), Koudela (2013), Pupo (2005), Vidor (2016) e assuntos relacionados ao teatro e às experiências práticas em sala de aula. A pesquisa prática ocorreu em sala de aula nos horários de Arte, com uma turma do 7º ano do ensino fundamental II da Escola Municipal Professora Carlota de Andrade Marquez, localizada no bairro Jardim Célia no município de Uberlândia (MG), durante todo o ano letivo de 2017.

Palavras-chave: Cena. Texto teatral. Sala de aula. Jogos teatrais.

¹ Professora de Arte na Escola Municipal Carlota de Andrade Marquez – Uberlândia-MG; Especialista em Psicopedagogia e Educação Especial; Mestranda Profissional em Artes/PROF-ARTES (UFU).

² Orientador. Professor do Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) do Instituto de Artes (IARTE) da Universidade Federal de Uberlândia.

ABSTRACT

The present article aims to present reflections of the research's course that was dedicated to a theatrical process in the classroom. The question that guided this study was: how students and teacher with perspectives on creating scene, materialize the theatrical text 'O Caso dos Pirilampos' by means of the expression of the body, the movements and the voice; with theatrical games, founded by Viola Spolin (1979)? The theoretical packaging of authors such as Spolin (1979), Slade (1978), Koudela (2013), Pupo (2005), Vidor (2016) and stage related topics and practical experiences in classroom. The class was held in the classroom for the last seven years, with the 6th grade class of Carlota de Andrade Marquez Municipal School, located in Jardim Célia district in Uberlândia – MG, during 2017.

Key words: Scene. Theatrical text. Classroom. Theatrical Games.

1. INTRODUÇÃO

1. 1. A escolha, a partir das experiências vivenciadas.

A escolha do tema desta pesquisa parte, a princípio, por minhas experiências anteriores com o ensino de teatro na rede pública, precisamente com oficinas extracurriculares. No ano de 2005, a Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia lançou alguns projetos extracurriculares em algumas escolas municipais. A E. M. Stella Saraiva Peano - Caic Guarani, localizada no bairro Guarani, no município de Uberlândia (MG), foi uma das escolas inseridas nestes projetos, nos quais atuava como professora de Arte. A direção fez o convite para que ministrasse a oficina de teatro. A partir daí, inicia minha experiência como docente de teatro no ano de 2005, em que tive a oportunidade de trabalhar com oficinas extracurriculares.

Cada escola deveria escolher um nome para dar ao seu projeto extracurricular. *Projeto Bom caminho* foi o escolhido por meio de votação pelo corpo docente e discente, participantes do projeto, dentro das várias sugestões propostas. Este projeto era composto por várias oficinas, como teatro, pintura, futebol, música, dança, desenho e bordado. De 2005 a 2010, no projeto extracurricular, produzimos vários espetáculos de dança, teatro, música, aliando também artes visuais, com apresentações dentro e fora da escola.

A Escola Municipal Professora Olga Del'Fávero - Caic Laranjeiras, localizada no bairro Laranjeiras, no município de Uberlândia(MG), também me fez o convite para ministrar a oficina de teatro no projeto da escola que tinha por nome *Sementinha do Cerrado*. Permaneci no período de 2009 a 2010 concomitantemente com o Caic Guarani.

Os projetos de todas as escolas municipais foram extintos pela prefeitura no início do ano seguinte (2011) e deram lugar à outra proposta de trabalho: o *Projeto Mais Educação*. Poderiam atuar neste projeto somente “monitores”; tais monitores não poderiam ter vínculo empregatício com a prefeitura, seriam prestadores de serviços. Desde então, não atuei mais nos projetos extracurriculares, retornando à sala de aula com a disciplina de Arte. Foi um percurso de cinco anos nos quais trabalhei com os projetos extracurriculares.

Durante os anos de 2005 a 2010, realizei quatro montagens, com adaptações dos seguintes textos: *O Fantástico Mistério de Feiurinha* (Pedro Bandeira), *História de Lenços e Ventos* (Ilo Krugli), *O Caso dos Pirilampos* (Stella Leonards) e *O Mágico de Oz* (Lyman Frank Baum). Nestas experimentações, pude trabalhar com a materialização do texto teatral em cena. Os participantes foram estimulados a se envolver na construção de uma montagem teatral, com cenário, adereços, criações de cenas, figurinos, dentre outros. O texto teatral foi base para o desdobramento de improvisações, que surgiram de maneira lúdica e espontânea dos participantes para a construção das ações. O corpo em movimento e as vozes desses estudantes deram suporte para criação de um produto cênico, apresentados no teatro Rondon Pacheco e nas instituições escolares que coordenava as práticas.

Os processos criativos que coordenei sempre foram pautados por textos, a maioria com textos teatrais infantis. Devido às minhas experiências anteriores, surgiu o desejo de inserir o texto teatral nas aulas do Componente Curricular Arte. Desse desejo nasce a pergunta: foi: como estudantes e professora com perspectivas em criar a cena materializam o texto teatral *O Caso dos Pirilampos* por meio de expressões do corpo, dos movimentos e da voz; aliados aos jogos teatrais, fundamentados por Viola Spolin (1979)? Questão esta que investiguei nessa pesquisa de mestrado.

1.2. Processo da escolha da turma e a opção pelo texto *O Caso dos Pirilampos*.

O processo de escolha da turma para a efetivação da prática do mestrado deu-se de acordo com o interesse da maioria dos estudantes da sala. A turma do 7º ano C foi a que apresentou maior número de estudantes interessados, 25 levantaram as mãos concordando em participar da pesquisa, enquanto nas outras turmas que ministrei aulas de Arte: 6º A e B, 7º A e B, cerca de cinco a seis estudantes demonstraram interesse em participar da prática da pesquisa. Disse que a participação deveria ser de toda a sala ou, pelo menos, da maioria, uma vez que a pesquisa ocorreria nos horários da disciplina de Arte, durante o ano de 2017. Portanto fazia-se necessária a participação e a colaboração de todos, já que estaríamos cumprindo a carga horária curricular da disciplina. Com isso, realizei o trabalho com o 7º ano C; nas outras turmas desenvolvi trabalhos distintos, que contemplaram os desejos dos estudantes e os meus. As outras três turmas,

além das acima mencionadas, eram de 1º e 2º ano do ensino Fundamental I, que não foram o meu direcionamento de faixa etária para a participação.

O trabalho com uma turma viabilizou a minha participação ativa na busca de materiais e propostas criativas, na construção e na reflexão crítica dos registros por meio de fotos, relatos e depoimentos de forma escrita, falada e entrevistas com os estudantes.

A opção pelo texto de Stella Leonardo, *O Caso dos Pirilampos*, justifica-se por apresentar uma linguagem poética em forma de rimas em seus diálogos e trazer a ludicidade infantil em sua escrita. Com o intuito de que esse texto teatral viria a contribuir com o lúdico dos estudantes, uma vez que ele traz personagens do folclore brasileiro, favorecendo o trabalho, haja vista que a maioria conhecia³ sobre as lendas destas personagens folclóricas, como da Iara, do Curupira, do Boitatá, o que possibilitou as construções de cenas. Outro motivo foi o fato de já ter trabalhado com esse texto anteriormente, tanto na época da minha graduação, e durante minhas experiências extracurriculares pude trabalhar com o mesmo dentro das oficinas com montagem de espetáculo, que culminou em várias apresentações na escola e no teatro Rondon Pacheco.

1.3. Procedimentos metodológicos e os passos a respeito da pesquisa teórica.

A metodologia adotada nesta pesquisa teve por base a abordagem qualitativa, pois o nível de realidade que busca investigar não pode ser quantificado, ou seja, essa abordagem trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis quantificáveis. Segundo Florentino (2012), existe vários critérios a serem trilhados para investigação dentro do trabalho de campo da pesquisa qualitativa, cito um deles:

Finalmente, convém assinalar que o observador interage com o contexto observado e, portanto, afeta a realidade observada, diminuindo sua apreciação objetiva. O pesquisador qualitativo não tem medo de ser parte integrante da situação estudada e de que sua presença possa “contaminar” os dados, pois ele considera impossível recolher dados absolutos ou neutros. Ele é consciente de que constitui um dos atores da cena; ele não segue o modelo científico das ciências naturais clássicas, mas sim o modelo da física moderna que leva em conta a relatividade dos fenômenos e o princípio da incerteza,

³ Todavia, foi feito por meio de uma conversa em sala de aula para saber se já conheciam sobre as lendas folclóricas destas personagens supracitadas.

nos quais o efeito perturbador da observação sobre aquilo que é observado se integra no processo de investigação, estudo e na reflexão teórica que é produzida. (FLORENTINO, 2012, p.133)

Desse modo, na abordagem qualitativa em artes cênicas, permeada pela observação em relação ao objeto de estudo, o pesquisado e o pesquisador entrelaçaram-se em um processo, com a perspectiva de construção e criação. Percebi como pesquisadora, durante o trajeto dessa pesquisa, que não tinha como ser neutra e separar-me do objeto investigado, os participantes, dentro da pesquisa, incluindo-me ao fazer as reflexões dentro do processo investigativo. Portanto, a reflexão de minha pesquisa foi feita pelo viés da observação em relação ao fenômeno investigado, dentro das situações que foram propostas, conforme a realidade das ações.

São vários momentos que permearam minhas reflexões teóricas. Nesta introdução abordo a escolha do tema a partir de minhas experiências vivenciadas, de experiências extracurriculares em outras escolas; como elas, de certa forma, motivaram-me e impulsionaram-me a ter o desejo de trabalhar com o texto teatral na disciplina de Arte como proposta de pesquisa. Logo em seguida, relato como se deu o processo da escolha da turma e o porquê da opção pelo texto *O caso dos Pirilampos*, que foi utilizado para as elaborações de cenas. Posteriormente apresento a metodologia adotada nesta pesquisa, que teve por base a abordagem qualitativa.

O item 2, *Ultrapassar os desafios da estrutura e limites do cotidiano escolar*, diz sobre os desafios da prática da pesquisa dentro da sala de aula nos horários de Arte e, ao mesmo tempo, mostro como foram os caminhos para ultrapassarem.

No item 3, *Jogo Teatral para Viola Spolin e minhas reflexões sobre ele*, pontua sobre os jogos teatrais para Spolin (1979) na visão de Pupo (2005) e minhas reflexões sobre o mesmo, dialogando com Koudela (2013). Em seguida, escrevo a respeito das assimilações dos jogos nas aulas práticas; logo, abordo a preocupação dos estudantes, se estavam fazendo “certo ou errado” ao jogarem; cito Spolin (1979) e Desgranges (2006), ao abordar também o papel do professor; e Paula (2011), ao mencionar a respeito da afetividade em sala de aula.

Na sequência no item 4, *O texto teatral na sala de aula*, faço reflexões a respeito da participação da turma investigada, ao trabalhar com este texto na disciplina de Arte e de como ele contribuiu para o estudante refletir sobre o processo dentro de uma linguagem teatral. De como pôde ser visto, vivido e experimentado tanto pelo estudante

quanto pelo pesquisador, sendo um estímulo para a “ação” e, consequentemente, para o surgimento da cena, por meio de expressões do corpo, voz e movimentos; dialogo com Pupo (2005), que discorre sobre o fato de que, no século XX, o texto ganhou novas formas de ser interpretado; e Vidor (2016), que aponta a falta de interesse na leitura.

Subsequentemente, nas considerações finais, discorro sobre minhas percepções em relação a essa prática em sala de aula como forma de pesquisa para o mestrado. Faço uma breve comparação em trabalhar-se o texto teatral em sala de aula dentro dos horários de arte e de trabalhar-se com oficinas extracurriculares. E também abordo o mestrado enquanto agente transformador, tanto na forma de pensar quanto na minha prática de professora de Arte.

Na sequência desse artigo, apresento as ações práticas experimentadas e vivenciadas nas aulas de Arte, em forma de um *Caderno de Relatos da Prática* como forma de registros. Trata-se de um registro pedagógico, vinculado ao presente artigo, com o intuito de possibilitar ao leitor inteirar-se das aulas práticas ministradas no decorrer do ano letivo de 2017, bem como das reflexões feitas pelos estudantes participantes da pesquisa, e por mim, professora/pesquisadora. Cabe destacar que durante o artigo busquei estabelecer diálogos com o caderno por meio de referências a determinadas aulas descritas e analisadas nele; proponho ao leitor visitar o caderno durante a leitura do artigo, pois ambos os materiais são complementares.

Pontuo aqui que, nos depoimentos dos participantes, que se encontram tanto no artigo quanto no caderno de relatos da prática, que optei por colocar, como forma de identificar os nomes, apenas suas iniciais, para não expô-los.

2. ULTRAPASSAR OS DESAFIOS DA ESTRUTURA E OS LIMITES DO COTIDIANO ESCOLAR.

A Escola Municipal Professora Carlota de Andrade Marquez, situada na periferia da cidade de Uberlândia (MG), tem em seu contexto uma clientela carente, muitos são abarcados com comportamentos de violência, conflitos, tanto familiares quanto entre os próprios estudantes, contendo narrativas de *bullying*. A estrutura física de vários ambientes como das salas de aulas estavam estragadas, portas sem fechaduras, quadros em estados de depreciação, carteiras e cadeiras quebradas, janelas com vidros quebrados, tais estruturações físicas perpassavam o cotidiano escolar, assim como: a

indisciplina, a falta de interesse nas aulas de Arte, elementos que percorrem os limites do cotidiano escolar, tendo como reflexos no processo de pesquisa.

Pensar na escola de hoje: salas de aula compostas com carteiras e cadeiras; cerca de trinta a trinta e cinco alunos por turma; aulas de cinquenta minutos uma vez por semana nas turmas de 6º ao 9º ano no ensino fundamental II; o professor troca de horário a cada cinquenta minutos, com uma carga horária de 20 a 40 h/a por semana. Tais estruturações presentes no cotidiano escolar me levaram a ter que ultrapassá-las e desafiá-las. Vidor (2010) menciona sobre adversidades e precariedades que nós professores de teatro enfrentamos em sala de aula:

Para o professor de teatro que frequentemente se depara com adversidades e precariedades em seu campo de atuação, tanto em termos de espaço físico, ou tempo de aula, quanto de baixo *status* da disciplina “teatro”, a valorização da atividade por parte dos alunos e dos próprios professores fica comprometida. (VIDOR, 2010, p. 23)

Portanto, inserir o texto teatral e os jogos teatrais nas aulas de Arte, pensar na criação e na elaboração de cenas dentro da sala de aula, partindo de um texto teatral, é um desafio. Desafio ao pensar na efetivação da prática cênica. Tudo isso me levou a seguir em busca de tentar ultrapassar os desafios e os limites que o cotidiano escolar nos apresenta; diante disso é que permeiam meus argumentos em busca de poder superar a jornada de trabalho de 20/ha por semana, com cerca de 30 estudantes por turma a cada cinquenta minutos; ser capaz de ultrapassar os limites de espaço tradicional da sala de aula: carteiras e cadeiras; vencer por meio da bravura e ir enfrentando os desafios presentes no cotidiano escolar, como salas superlotadas, alguns estudantes desinteressados em realizar as atividades propostas, ocasionando desinteresse em outros e, consequentemente, prejudicando os interessados.

Faço um parêntese aqui no sentido dos “desafios” propostos neste artigo, dentro deste item ultrapassar os desafios da estrutura escolar, os impasses que a sala de aula nos dá no cotidiano escolar como: salas lotadas, os estudantes não têm liberdade de escolha para a efetivação ou não da aula, horário de cinquenta minutos uma vez por semana, não termos um espaço adequado para a realização de uma aula de teatro no qual seria o “ideal”; digo ideal porque acredito que para se obter um bom rendimento de uma aula “ideal” de teatro, o que para mim seria ter uma sala ampla, sem carteiras e cadeiras, com um número menor de estudantes, dentre outros elementos de acordo com

um ambiente apropriado para se realizar aulas de teatro. Mas meu foco não é falar sobre o lugar “ideal”, o que de fato a grande maioria das escolas públicas de periferia não possui. No entanto, mesmo não tendo o espaço “ideal”, segui tentando ultrapassar os desafios, os empates desse cotidiano escolar, e tentei ir rumo aos objetivos da pesquisa independentemente de serem alcançados ou não. São pontuações que acredito serem relevantes dentro da pesquisa, pois olhar dentro da realidade presente contribuiu para que seguisse a pesquisa com todos estes olhares, enquanto pesquisadora. De se ter um olhar crítico, porém realista, um olhar simples, porém refinado, um olhar de afeto, disposta a contribuir e somar na vida destes estudantes. Estas palavras me fazem pensar em cada um. Nas palavras ditas a mim nos corredores da escola, dentro da sala de aula, de quando entro na sala e o estudante logo grita: “Professora, vamos para o quiosque ensaiar?”. De quando peço para escreverem como foi a aula. Ao ler, ao ouvir, tudo me levou a refletir de que alguma forma o texto teatral, o jogo teatral poderá contribuir na vida destes estudantes. Quando a estudante (J.F.S.2017) me entrega sua escrita sobre a aula e ao final do texto escreve em letras bem grandes, de azul e vermelho: “*ARTES [dois corações desenhados] um novo modo de se expressar, arte muda você, muda sua vida, muda seu jeito de ser (muda tudo) arte é sabedoria [três corações desenhados]. Diga não ao crime e sim à arte [uma carinha sorrindo]*”. Tudo isso me faz refletir que o teatro é um dos caminhos em que o estudante se reconhece como alguém que tem capacidade de ser, de pensar e de se expressar.

Nas palavras de Slade, “se você tiver que usar salas de aulas, empurre as carteiras para perto das paredes. Se houver motivos suficientes para não fazê-los, pense numa nova arrumação, completa e permanente, de maneira a deixar mais espaço no centro.” (SLADE, 1978, p.60). Estas palavras me fizeram encorajar e ir encontrando caminhos para ultrapassar os desafios, como empurrar as carteiras para perto das paredes, deixando o centro da sala com mais espaço; utilizar o *Quiosque* da escola, lugar aberto, porém com telhado, onde foram ministradas várias aulas; retirar o grupo para uma aula extra; utilizar palavras de incentivo, de modo a estimular a participação de todos os estudantes participantes dentro da proposta de trabalho de pesquisa. Foram caminhos que busquei para ultrapassar, com objetivo de aproveitamento de tempo/espacô, com o intuito de ultrapassar os desafios e os limites do cotidiano escolar. Mesmo com a falta de espaços adequados, falta de materiais, salas superlotadas, dentre outros entraves que há em nosso dia a dia, mesmo assim, como profissional, conduzi

com a ideia de que o teatro é um caminho para reflexões tanto na escola quanto nas relações pessoais.

Falar de teatro no contexto educacional não é tão simples. Efetivar o exercício da prática em sala de aula hoje é “desafiador”.

Muitas vezes, a escola de educação básica relaciona o fazer teatral à realização de um “espetáculo”, voltado às datas comemorativas, como dia das mães, dia do índio, etc. Tal pensamento muitas vezes não valoriza o processo, pois visualiza tão somente o produto final como forma “espetacular”, deixando muitas vezes de lado o texto, com potência investigativa em processo, por acreditarem ser o texto teatral um instrumento para se chegar a um “espetáculo teatral”.

Porém, reduzir o ensino do teatro dentro da escola a produções de espetáculos, sem o estudante experimentar as vivências teatrais com um olhar consciente, sem estímulos, seria tão somente o levar a ser um reproduutor de textos, sem que ele passe por processos de criação, elaboração, vivências por meio do grupo, do olhar do outro e do seu próprio olhar.

Fazer com que os estudantes vivenciem, experimentem a prática com consciência, com ação e motivação é poder olhar com perspectiva, é poder contribuir, é possibilitar vivências por meio da linguagem teatral dentro do contexto educacional; isso também é desafiador dentro da escola.

E foi entre os limites do cotidiano escolar, desafiando e ultrapassando os mesmos que o processo prático se deu nos horários de Arte, durante o ano letivo de 2017, e que possibilitou ministrar um total de 23 aulas no percorrer do ano. Destaco aqui que durante o ano letivo algumas aulas não foram ministradas, pois em vários momentos tive que ceder aulas para a escola realizar atividades contidas dentro do calendário escolar, como: ensaios para a festa junina, consciência negra, dia da família na escola, dentre outros eventos dentro do cotidiano escolar.

3. JOGO TEATRAL PARA VIOLA SPOLIN E MINHAS REFLEXÕES SOBRE ELE.

Em seu artigo, Pupo (2005) aborda o jogo teatral, que, para Spolin, são jogos que levam o participante a vivenciar, experimentar a linguagem teatral por meio de improvisações em torno da estrutura dramática “o quê”, “onde”, “quem”, sendo

componentes que percorrem dentro da sistematização e é constituído por regras e por acordo de grupo. Compartilho do pensamento de Pupo (2005) quando escreve a respeito do jogo teatral para Spolin (1979):

A estrutura do jogo constitui o eixo da experiência teatral, mais exatamente, a noção de regra é eleita como parâmetro central da proposta de aprendizagem. O acordo de grupo que joga em torno da estrutura dramática-lugar, papéis/personagens e ação - constitui o ponto de partida. (PUPO, 2005, p. 219)

Sendo assim, a estrutura dramática constituída nos jogos teatrais são elementos que iniciam e instigam os jogadores a partirem para as ações dentro de uma linguagem teatral. Eles são sistematizados em três eixos centrais como elementos básicos de procedimentos: o “Foco”- objetivo a ser alcançado, leva o jogador às ações; a “Instrução”- direciona os jogadores para o Foco; e a “Avaliação” – feita pela plateia e pelo coordenador, retoma se o Foco foi alcançado, seguido das instruções.

Minhas reflexões permeiam a compreensão de que o jogo teatral é um recurso pedagógico, sendo estímulo para levar os estudantes de forma espontânea a experimentar, vivenciar a linguagem teatral, e a criar cena por meio de improvisações combinadas, acordadas pelo grupo participante das ações, partindo de orientações dadas pelo coordenador do trabalho; ora uma parte do grupo é de participantes observadores da cena apresentada, ora passam a ser jogadores, e vice-versa. Geralmente, após as apresentações das cenas, eles conversam e avaliam as ações, dentro da proposta do coordenador.

Busquei nas aulas utilizá-los como recurso pedagógico e de estímulos, na tentativa de investigar as várias possibilidades de trabalhar-se o texto por meio de improvisações para provocar as potencialidades de expressões do corpo, dos movimentos⁴ e da voz, sejam elas combinadas, pensadas, planejadas, sejam improvisadas, tanto em grupo quanto individualmente, e, a partir delas, poderem criar a cena, com objetivos voltados ao “Foco” do jogo, seguindo a “Instrução” dentro do contexto da aula, em alguns momentos os jogos foram adaptados. A “Avaliação” era

⁴ Ao me retratar sobre expressões do corpo, dos movimentos, refiro-me também ao pensar nestes estudantes acostumados a se posicionarem sentados em fileiras, nuca a nuca, na maioria do tempo esse corpo fica sentado na cadeira, e o que proponho é que esse estudante movimente, expresse, crie por meio do corpo.

realizada durante os jogos com perguntas e por escrito para saber se o “Foco” foi visível ou não.

A estrutura dramática “o quê”, “quem” e “onde” foi pensada em vários momentos, tanto dentro dos jogos quanto ao se trabalhar com o texto. Logo nas aulas 1 e 2, ela foi realizada com o intuito de levar os estudantes a iniciar a linguagem teatral. Na aula 1 tiveram que criar uma imagem congelada, em que seriam um objeto desse local, para isso dei a cada grupo um “onde”, no caso: sala de aula; sala de casa; fazenda; discoteca. Já na aula 2, os estudantes escolheram o “o quê”, “quem” e “onde” e criaram uma improvisação à partir dos elementos selecionados⁵

Levar a linguagem teatral nas aulas de Arte com o texto teatral, utilizando-se desse recurso pedagógico, o jogo teatral, também foi pensado para que, por meio deles, os estudantes pudessem construir com liberdade o processo de trabalho, e propiciar experiências tanto pessoais quanto individuais. Considerando que os estudantes apresentam competências de improvisar, jogar, uma vez que eles estejam predispostos às ações. Com as palavras de Spolin (1979, p.03), reafirme: “Todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco”. Ao se envolverem no jogo, o grupo passaria a criar uma maior relação, uns com os outros, com possibilidades de progredirem e, consequentemente, evoluírem dentro das propostas de cada um.

Segundo Koudela (2013):

Spolin sugere que o processo de atuação no teatro deve ser baseado na participação em jogos. Por meio do envolvimento criado pela relação de jogo, o participante desenvolve liberdade pessoal dentro do limite de regras estabelecidas e cria técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo. À medida que interioriza essas habilidades e essa liberdade ou espontaneidade, ele se transforma em um jogador criativo. (KOUDELA, 2013, p. 43)

Ao partirem para as ações por meio dos jogos os estudantes aos poucos foram se envolvendo e se desenvolvendo por meio deles e, pouco a pouco, inserindo expressões ao usarem falas do texto e, consequentemente, movimentos iam surgindo de forma livre e espontânea dentro das regras de cada jogo.

⁵ A descrição detalhada e análise dessas duas aulas se encontram no Caderno de Relatos da Prática: aula 1 e 2.

É interessante pensarmos nas regras do jogo, quanto elas ajudam e contribuem para o direcionamento do grupo nas soluções de problemas dentro do jogo. Reafirmo com as palavras de Koudela (2013):

As regras estabelecidas entre os jogadores determinam uma relação de parceria, que implica observação de determinadas leis que asseguram a reciprocidade dos meios empregados para ganhar. Há, portanto, acordo de grupo sobre as regras do jogo e interação, que ocorre a partir da busca de um objetivo comum. (KOUDELA, 2013, pág. 47- 48)

O acordo de grupo e as regras fortalecem, uma vez que os participantes encontram-se predispostos às ações. Daí percebem-se as contribuições que o jogo teatral propiciou no contexto da sala de aula durante essa pesquisa e quanto é interessante trabalhar em grupo e quanto os jogos colaboraram nas relações em grupo.

3.1 Assimilações dos jogos teatrais na pesquisa.

Como de fato conduzir os estudantes às ações por meio dos jogos teatrais, tentando criar cenas por meio de expressões do corpo, dos movimentos e da voz? Como tentar fazer com que o estudante perceba os jogos teatrais como possibilidades criativas? Como tentar levá-los à espontaneidade? Tais indagações foram permeando essa pesquisa durante o percurso.

Todavia, além das indagações e ao se trabalhar com os jogos nas aulas práticas, questões surgiram, como: pouca concentração, timidez, dificuldades, uns mais outros menos, de se expressarem diante da turma e que, muitas vezes, atrapalhava outros estudantes a estar nas ações com espontaneidade e a centrar no objetivo do jogo, mesmo com as instruções dadas. Nas aulas práticas a timidez e a pouca concentração se deu de maneira visível, ressaltadas principalmente quando o foco se voltava para o estudante, ou seja, quando o mesmo era o centro dos olhares. Em grupo isso ocorria também, como por exemplo, no jogo do Hop⁶ - jogo em grupo- houve pouca concentração, muitos riram, alguns colocaram as mãos no bolso se mostrando tímidos. Todavia dentro do processo prático vários estudantes foram fazendo as assimilações dos jogos, mesmo que timidamente, buscaram entrar e participar dentro de cada proposta dada em aula. Já

⁶ Aula 2-Caderno de Relatos da Prática.

nas últimas aulas em que foram trabalhados os níveis baixo, médio e alto⁷ os estudantes se soltaram mais, os movimentos, as expressões, as vozes, os diálogos do texto foram surgindo de forma espontânea. A pouca concentração e a timidez continuaram a existir, porém com menos ênfase.

Percebe-se que, nas participações ativas dos estudantes, eles começaram a assimilar as potencialidades dos jogos, enquanto jogadores dentro da proposta e, com isso, faziam reflexões perante as suas próprias ações ao lidar com os olhares do outro. Cito um relato escrito de uma estudante ao fazer suas próprias reflexões nas ações com os jogos:

Sei que pra fazer teatro preciso deixar a timidez de lado. No começo eu tava muito tímida, os jogos 'está' me ajudando muito, ele ajuda a pensar, acabei 'mim' soltando. Que a aula de hoje foi ótima, eu não posso dizer por que sempre tem aquelas pessoas que 'atrapalha', dando 'mole né', mas vou dar meu melhor, eu garanto! (K.L.S.N.2017)

Direcionei e estimulei a turma, dizendo-lhes que ao se proporem a jogar, eles contribuiriam para criações de forma espontânea, ajudariam a lidar com a timidez, com a falta de concentração⁸, despertaria e propiciaria liberdade, crescimento, tanto individual quanto em grupo, encorajando-os nas ações. Spolin (1979) aborda que, por meio do jogo, provoca-se a espontaneidade:

O crescimento ocorrerá sem dificuldade no aluno-ator porque o próprio jogo o ajudará. O objetivo no qual o jogador deve constantemente concentrar para o qual toda ação deve ser dirigida provoca espontaneidade. Nessa espontaneidade, a liberdade pessoal é liberada, e a pessoa como um todo é física, intelectual e intuitivamente despertada. Isto causa estimulação suficiente para que o aluno transcenda a si mesmo – ele é libertado para penetrar no ambiente, explorar, aventurar e enfrentar sem medo todos os perigos. (SPOLIN, 1979, p.05)

Dentro do processo de trabalho, os jogos foram pensados para estimular e motivar os estudantes à espontaneidade, ao crescimento dentro das ações nas criações ao trabalhar o texto. Lidar com a timidez e com a falta de concentração deu-se de forma

⁷ Aulas 20, 21 e 22-Caderno de Relatos da Prática.

⁸ Relato a respeito da timidez, a falta de concentração em vários momentos no Caderno de Relatos da Prática.

gradativa e com a participação e predisposição de cada um nas realizações de cada proposta dos jogos, nos acordos de grupos em que cada um expunha seus pensamentos, ideias e partiam para criar e, principalmente, nas apresentações diante dos olhares dos colegas e da professora. A partir de então percebi que cada um tentou buscar desinibir-se. Como professora/pesquisadora fui pensando, pesquisando, adaptando jogos que esses estudantes buscassem desinibir e pudessem ir paulatinamente adentrando por meio dos mesmos no texto e juntos pudessem ir construindo as cenas através do corpo, com os diálogos, as falas do texto. Isso se deu em nossas últimas aulas⁹ em que as cenas começaram a surgirem. Alguns estudantes, ao me entregarem relatos escritos, falavam que o teatro, os jogos ajudaram-nos a se soltar mais:

Eu aprendi muito com o teatro no começo eu até ‘tava’ com vergonha, ‘mais’ depois eu fui me soltando mais, até que não foi tão ruim não, eu achei até bom, só que eu acho que a gente precisava de mais espaço. Meu grupo estava até empolgado. Sempre que eu chegava em casa, eu arrumava um tempo para ensaiar. Mas sempre que eu ia pra frente apresentar, eu ficava com vergonha, mas mesmo assim eu participava das aulas. Mas eu gostei muito do teatro, aprendi muito com o teatro, com os jogos, com as brincadeiras, foi muito legal. (A.F.C.)

Gostei muito dessa experiência e aprovo outras aulas assim, isso desperta a imaginação do aluno e isso é importante na vida do aluno. Amei. (J.F.S.)

Tentei conduzir a busca de expressões por meio do corpo através dos jogos teatrais, eles foram sendo pensados de acordo com as assimilações e evoluções da turma a partir das ações. Pude notar através de falas dos estudantes que os mesmos começaram a perceber que os jogos proporcionam possibilidades que: “desperta a imaginação”, reconhecendo-os que são “importante na vida do aluno”, como nas palavras de uma estudante, e que os mesmos foram fazendo reflexões dentro de suas próprias ações diante de cada jogo proposto em sala de aula.

3.2 “Aprovação/Desaprovação”.

Uma questão que foi manifestada por alguns estudantes ao realizarem os jogos teatrais era se estavam fazendo certo ou errado, em avaliações que aconteciam após

⁹ Aulas 20,21 e 22-Caderno de Relatos da Prática.

alguns jogos. Perguntavam: “Professora, eu fiz bem?” “Foi certo, professora?” “Ou eu fiz errado, professora?”. Spolin (1979) destaca a respeito da aprovação/desaprovação:

Numa cultura onde a aprovação/desaprovação tornou-se o regulador predominante dos esforços e da posição, e frequentemente o substituto do amor, nossas liberdades pessoais são dissipadas. Abandonamos aos julgamentos arbitrários dos outros, oscilamos diariamente entre o desejo de ser amado e o medo da rejeição para produzir. Qualificados como “bons” ou “maus” desde o nascimento (um bebê “bom” não chora) nos tornamos tão dependentes da tênue *base de julgamento* de aprovação/desaprovação que ficamos criativamente paralisados. (SPOLIN, 1979, p.06)

Portanto, podemos dizer que culturalmente somos preocupados com a aprovação/desaprovação? Temos medo da rejeição? Podemos dizer que os participantes muitas vezes se sentem "limitados" à ação por se sentirem preocupados com o olhar do outro? Com o certo/errado? Com a aprovação/desaprovação da professora? Percebi que estavam preocupados com a aprovação ou desaprovação. Mediante às falas, promovi conversas, bate-papos, ressaltando para que eles se sentissem livres para criar e que na arte não existe o certo ou o errado. Foi o que apresentei aos participantes: que todos experimentassem com liberdade e espontaneidade ao elaborarem a cena a partir do texto *O Caso dos Pirilampos*, nos jogos que estavam sendo propostos nas aulas e que não se sentissem limitados por causa dos olhares do outro e da professora, não se preocuparem com a “aprovão/desaprovação”, certo/errado e/ou bom/ruim, mas que refletissem sobre as ações que estavam sendo propostas tanto em grupo quanto individualmente. Os estudantes foram fazendo as assimilações deste contexto de forma gradual no percorrer de nosso processo prático, dessas experimentações com liberdade e espontaneidade. Compartilho do pensamento de Desgranges (2006) quando escreve a respeito dos “jogos de improvisação: prática teatral em processo”:

Uma boa cena, normalmente, não é tida como tal a partir de um critério prévio, mas de critérios que o grupo estabelece com a colaboração de todos os integrantes. Não cabe ao coordenador, portanto, dizer o que é bom ou ruim, mas problematizar as cenas para provocar os participantes a refletirem a cerca das próprias realizações artísticas. (DESGRANGES, 2006, p.90)

Entendo que o papel do professor é conduzir o participante à ação sem prévias avaliações do que é certo ou errado. O fazer, o realizar, a criação, a apreciação são ações com certeza significativas e proporcionam também possibilidades de leituras dentro da

arte, porém sem que o participante seja julgado por suas criações dentro das Artes como certo ou errado, mas que seja livre em suas formas de criar, considerados pela forma de como compreenderam os estímulos que lhes foram dados e que valorizem e apreciem a própria estética articulada por eles. Compartilho do pensamento de Spolin (1979) quando escreve sobre a “Aprovação/Desaprovação” e menciona a respeito dessa relação “professor-diretor” e “professor-aluno”:

Todas as palavras que fecham portas, que têm implicações ou conteúdo emocional, que atacam a personalidade do aluno-ator ou mantêm o aluno totalmente dependente do julgamento do professor, devem ser evitadas. Uma vez que muitos de nós fomos educados pelo método da aprovação/desaprovação, é necessário uma constante auto-observação por parte do professor-diretor para erradicar de si mesmo qualquer manifestação desse tipo, de maneira que não entre na relação professor-aluno. [...] Além disso, o professor não pode julgar o bom ou o mau, pois que não existe uma maneira absolutamente certa ou errada para solucionar um problema: o professor, com um passado rico em experiências, pode conhecer uma centena de maneiras diferentes para solucionar um determinado problema, e o aluno pode aparecer com a forma cento e um, que o professor até então não tinha pensado. Isto é particularmente válido nas artes. O julgamento por parte do professor-diretor limita tanto a sua própria experiência como a dos alunos, pois ao julgar, ele se mantém distante do momento da experiência pura e raramente vai além do que já sabe. (SPOLIN, 1979, p. 07)

Assim sendo, a postura do professor dentro da linguagem teatral é de não julgar o estudante como certo ou errado nas criações por meio das expressões do corpo e, sim, de dar estímulos conduzindo-os às ações e proporcionando-lhes experiências de forma que possam criar sem que se sintam limitados e julgados com a “aprovação/desaprovação” pelo olhar do outro.

Em sala de aula, o professor é o dirigente. Todavia, mesmo o professor sendo o regente da aula, o autoritarismo deve ser evitado entre a relação professor/estudante para que não venha interferir nas ações. Reafirmo com palavras de Spolin: “A linguagem e as atitudes do autoritarismo devem ser constantemente combatidas quando se deseja que a personalidade total emerja como uma unidade de trabalho.” (SPOLIN, 1979, p. 07). Com esse mesmo pensamento, de evitar o autoritarismo fui buscando nas aulas uma postura de conversas, diálogos tentando levar os estudantes a refletir sobre a importância do texto teatral e dos jogos teatrais tanto no cotidiano escolar, tanto em grupo como individualmente, que os mesmos poderiam contribuir para a vida deles.

Neste percurso da pesquisa na qual foram motivados a vivenciar o teatro por meio do texto e dos jogos, foi estabelecendo-se uma relação entre professora e estudantes. A turma participante dessa pesquisa era agitada, alguns dispersos, outros indisciplinados, outros deixavam de fazer as atividades propostas para ficar andando na sala e conversando, dando a impressão de que as aulas com os jogos, com o texto não acrescentariam no aprendizado. Diante disso, minha postura foi desafiadora e determinante durante as aulas práticas. Postura ao determinar que a turma toda participasse das aulas, uma vez que a maioria outrora havia manifestado o interesse de participar do processo de trabalho. Nem todos ficaram contentes com esse posicionamento, foram poucos, uns cinco estudantes, destes a maioria eram os que também em outras disciplinas, não participavam efetivamente das propostas dadas em aula, todavia no percorrer do processo alguns destes, foram aos poucos participando dos jogos propostos, uma vez que os mesmos os levavam a interagirem. Minha postura foi de conversa e diálogos entre os estudantes, para a efetiva participação da maioria, sempre levando-os a refletirem sobre as contribuições do texto e dos jogos teatrais em sala de aula e na vida dos mesmos.

Fui, a cada aula, tentando trabalhar uma postura estética e afetiva. Estética no sentido de acreditar nas potencialidades dos estudantes e que eles mesmos construíssem saberes dentro da linguagem teatral. Afetiva, pois nas aulas práticas deixava-os com liberdade de criação, movimentação, dentro das atividades propostas. Fui buscando condutas ao trabalhar com a turma, ora por meio do diálogo, ora pedia relatos escritos. Outra estratégia foi a realização de duas aulas extras¹⁰, em ambas trabalhei com um dos grupos que estavam a criar as cenas que foram compartilhadas no final do ano, o objetivo era aproximar e criar uma relação de afetividade tanto entre os próprios estudantes quanto com a professora, e proporcionar uma aula em que pudessem ter momentos de criação proveitosa entre ambos, uma vez que seria com um grupo menor de estudantes.

A prática desta pesquisa levou-me a refletir a respeito da afetividade que se constrói em sala de aula e, por meio de posturas e condutas, busquei caminhos para aproximação, tentando permitir que tais ações criassem relações de afeto, e que os

¹⁰ Aulas 15 e 17-aulas extras-Caderno de Relatos da Prática.

estudantes pudessem se envolver com o processo de trabalho com prazer. Ronan Lobo de Paula (2011) aborda em seu artigo a respeito da Pedagogia da Afetividade:

Uma pedagogia que tenha como base a ternura proporciona ao indivíduo uma experiência da arte efetiva e afetiva. Ele cria “laços”, “liga”. Há envolvimento da pessoa com o processo de trabalho. Não se faz por fazer, se faz por prazer. Ao final do processo, o resultado seria expressão sincera e não uma lista de marcas e movimentos ditados por outra pessoa. (PAULA, 2011, p. 10)

Com o mesmo pensamento de Paula, busquei com os jogos teatrais liberdade de criação, de expressão e movimento ao trabalhar o texto de forma que não fossem mecânicos e/ou “ditados” pela professora, levando-os a se envolverem no processo de forma “efetiva” e “afetiva”.

4. O TEXTO TEATRAL NA SALA DE AULA.

Durante minha trajetória como professora de teatro, busquei abordar com os estudantes da educação básica diversos elementos que pudessem ser explorados no contato com um texto de teatro e que possuíssem seus significados, tais como personagens, falas, cenários, figurinos, interpretação, sonoplastia, iluminação, dentre outros. Nesse estudo, porém, busquei explorar como recorte de pesquisa, o contato dos estudantes com os diálogos, as palavras presentes no texto, e as possíveis maneiras de jogá-las, pensando na criação de cenas. Para estruturar meu entendimento sobre as diversas possibilidades de exploração do texto como material de criação de cenas dentro de um contexto educacional, foi fundamental o estudo de autoras como Maria Lúcia de Souza Barro Pupo (2005) e Heloise Baurich Vidor (2010, 2016).

Pupo (2005), ao introduzir o texto em sua experiência em Marrocos, teve como proposta pensar na realidade do contexto árabe e com a apropriação de textos literários. Estabeleceu conexões entre o texto e o jogo e vice-versa; os estudantes, a partir do jogo, criaram o texto. Vidor (2010), em seu artigo, exemplificou algumas propostas de pesquisadoras que experimentaram o trabalho com o texto, como Pupo (2005), Koudela (2007), Spolin (2005, 2007) e Cabral (2006) ¹¹, ao ilustrar algumas das possibilidades

¹¹ Artigo citado nas referências bibliográficas.

de construção da narrativa cênica com base no jogo teatral. Cito a proposta de Pupo (2005), uma das pesquisadoras que somaram a essa pesquisa como embasamento teórico e prático:

Para compreender a articulação interna dos textos narrativos, a autora recorre às teorias da narração e experimenta no jogo a relação entre a ação e a narração, caracterizando-se como sendo este o percurso que vai do texto ao jogo. Em outra etapa do trabalho o percurso inverso: do jogo ao texto, no qual os jogos teatrais efetuados em grupo deram origem a textos de ficção numa trajetória que parte do coletivo (procedimento lúdico) para o individual (a escrita). (VIDOR, 2010, p. 115)

E dentro dessa proposta, Pupo (2005) pôde experimentar diferentes possibilidades de levar os estudantes a se apropriarem do texto. Em que eles experimentaram várias formas de pronunciar um texto. “Assim, o contato inicial dos participantes com o texto dava-se por meio da apropriação lúdica de diferentes passagens, cuja extensão podia variar de uma sequência de palavras a duas ou três frases.” (PUPO, 2005, p.69)

Partindo da experiência de Pupo (2005) tomei como exemplo sua proposta, adaptando-a ao meu contexto de pesquisa e experimentando com os estudantes várias maneiras de pronunciar diálogos do texto teatral *O Caso dos Pirilampos* e, com isso, levando-os a se apropriarem dele. Esse trabalho aconteceu nas aulas 7, 14 e 15¹². Na aula 7 propus aos estudantes a “ação” da leitura do texto com variações de sentimentos: alegre, raivoso, choroso e risonho. Na aula 14 adaptei dois jogos propostos por Viola Spolin, no caso Siga o Seguidor #1 e Fala Espelhada #2¹³. Neles trabalhei com os alunos em duplas, a princípio espelhando os movimentos, sendo que um propunha e o outro era o espelho, depois inseriram movimentações das suas personagens e por último juntamente com o movimento, uma fala do texto que faziam parte da cena que estavam a criar. Já na aula 15 realizei adaptação de outro jogo de Spolin, Diálogo Cantado¹⁴, em que os estudantes cantavam as falas do texto no ritmo que escolhessem, além disso, pedi para que pensassem num lugar da floresta em que seu personagem estaria. O intuito

¹² A descrição detalhada e análise dessas três aulas se encontram no Caderno de Relatos da Prática: aulas 7, 14 e 15.

¹³ Jogos Teatrais: Fichário de Viola Spolin, (2014).

¹⁴ Jogos Teatrais: Fichário de Viola Spolin, (2014).

desses jogos foi levá-los a perceber que existem várias possibilidades de leituras e formas de trabalhar o texto, na perspectiva de irmos em direção à construção de cenas e trabalhar o texto aos poucos. Afirmo com as palavras de Pupo (2005, p. 70): “O texto é desvelado gradativamente, sempre em ação. A intensidade do envolvimento nos jogos de apropriação tende a mobilizar os participantes, apresentando repercussões diretas na densidade dos jogos teatrais que se seguem”.

Outros caminhos foram utilizados durante o percurso dessa pesquisa, como a adaptação do texto, as improvisações inspiradas em situações do texto, como também a leitura em voz alta e a apropriação do texto em mãos.

Ao pensar em sua proposta de trabalho com o texto literário, Vidor aborda a leitura em voz alta, experimentando várias possibilidades de leituras em suas vivências como professora de teatro, com ênfase na leitura em voz alta como prática coletiva e por meio do texto físico, levando-os a se aproximar e a se apropriar da obra. Vidor (2016), ao escrever sobre sua proposta de trabalho:

Meu objetivo foi unir os campos da leitura e do teatro e verificar como essa união pode ampliar as possibilidades de pensar, praticar e sensibilizar crianças, jovens e adultos para a leitura e a convivência com os livros, e também para o teatro, contribuindo com a formação e a prática de professores. Sendo assim, procurei garantir que a apropriação do texto se desse pelo contato com a própria obra. (VIDOR, 2016, P. 42-43)

Com o mesmo pensamento de Vidor (2016), ao inserir o texto teatral nas aulas de Arte, isto também foi pensado como estímulo para os estudantes, tanto para se criar as cenas e incentivar à leitura quanto para se apropriarem e se aproximarem da obra.

4.1 O texto como estímulo de criação.

Inserir o texto teatral como estímulo para se pensar e se criar a cena dentro da sala de aula possibilitou-me, como professora de Arte, vivenciar outra experiência ao se trabalhar com o texto nos horários de Arte, diferentemente¹⁵ de oficinas extracurriculares. Mesmo sabendo das reais diferenças entre oficina e sala de aula,

¹⁵ Nas considerações finais abordei essas diferenças.

minhas intenções eram as mesmas, tentar desvelar e materializar o texto por meio da cena com expressões do corpo, movimentos e pela voz dos estudantes.

Portanto, quando pensei em fazer o mestrado, nem me imaginei pesquisando outro tema a não ser este: o de trabalhar com o texto teatral. Durante o percurso da pesquisa busquei, com o texto e com os jogos, estimular os estudantes às ações. O texto como estímulo para leitura, o texto como estímulo para criarem as cenas, interagirem com o grupo, movimentarem-se, conduzi-los dentro do contexto da linguagem teatral. O texto foi lido na íntegra; entretanto, fui ao longo da pesquisa adaptando-o, reorganizando-o, de forma a facilitar o trabalho, utilizando fragmentos de diálogos do texto e que foram se configurando em cenas por meio das expressões do corpo.

Pude perceber, passo a passo, que, a cada aula, os estímulos dados com o texto e com os jogos motivaram as ações. Os estímulos foram os mesmos para todos os participantes, porém ele foi interpretado e interiorizado de acordo com a disposição e com a desenvoltura dentro das experiências e vivências de cada um. Considero que o texto foi um estímulo para trabalhar a linguagem teatral em sala de aula, que contribuiu para que os participantes experimentassem expressões por meio do corpo.

O texto tem uma linguagem poética, em forma de rimas trazendo personagens do folclore brasileiro, como o Saci, a Iara, o Curupira, o Boitatá. Com as improvisações, criaram expressões, movimentos destes personagens de forma lúdica, espontânea e prazerosa, partindo do próprio conhecimento que já tinham destas personagens. Pois quando os participantes, ao tentarem criar a cena com seus movimentos e com suas expressões, como, por exemplo,¹⁶ nos jogos, uma das estudantes que fazia a Iara entra em cena de forma a improvisar, passando as mãos nos cabelos para alongar, como se eles fossem mais compridos, passa as mãos com leveza, entra calma; em seguida, entra uma estudante que fazia a personagem Aurora e que se posiciona e senta-se no chão, como se estivesse sentada em uma pedra – pois o texto traz essas ações – e ela pronuncia as falas do texto; um dos estudantes que fazia o Saci entra em cena pulando com uma perna só. Tudo isso me leva a compreender que eles partiram do estímulo do texto para criarem, de forma a investigarem dentro de uma linguagem teatral formas de comunicarem a cena com os movimentos, com as expressões e com a voz. Desgranges (2006), quando menciona a respeito da “investigação teatral desenvolvida durante o processo”, afirma:

¹⁶ Aula 11-Caderno de Relatos da Prática.

A investigação teatral desenvolvida durante o processo, exorta os participantes a conhecerem e se apropriarem das possibilidades comunicacionais desta arte. E mais, a inventarem um jeito próprio de pensar e fazer teatro, já que não se deve esperar que o grupo aprenda e reproduza um “jeito certo”(como se existisse um jeito certo de fazer teatro!), mas que crie a sua maneira de se comunicar a partir dos elementos constituintes desta linguagem artística. (DESGRANGES, 2006, p. 88)

Compartilhando do mesmo pensamento de Desgranges (2006), é que inserir o texto como estímulo de criação dentro das aulas de Arte foi com a intenção também de tentar levar os estudantes a se envolverem dentro do processo de uma linguagem teatral, e, a partir daí, elaborarem seus pensamentos artísticos e pensarem nas construções das cenas, para criar suas próprias maneiras de se comunicarem por meio desta arte.

4.2 Motivar a leitura.

Além de provocar ações corporais e proporcionar o contato do estudante com a linguagem teatral, o intuito do trabalho desenvolvido foi também de motivar a leitura e aguçar a criatividade e a relação com o outro.

Inserir o texto teatral em sala de aula e a sua apropriação por parte dos participantes pôde instigá-los à leitura e ao desejo de encená-lo. Percebi ao longo de minha trajetória de docente que a leitura de textos teatrais muitas vezes leva os participantes a se imaginarem na cena. A partir da leitura, os participantes passam a ter contato com a forma da escrita de um texto teatral, seus diálogos, rubricas e intenções do autor.

Mediante esse prisma é que o texto foi inserido nas aulas de Arte com o intuito de que paulatinamente esse texto começasse a ser experimentado, vivenciado pelo contato físico, possibilitando uma aproximação e uma apropriação maior entre o estudante e o texto. Compartilho das palavras de Vidor (2016), em que um de seus objetivos ao trabalhar práticas da leitura e práticas teatrais também foi com intuito de aproximação e apropriação do “texto em mãos”; cito: “Os objetivos específicos eram: garantir que a apropriação do texto pelo aluno se desse por meio do contato com a própria obra; garantir a manutenção do “texto em mãos” e a troca do material literário sempre que necessário.” (VIDOR, 2016, p. 117).

Minha intenção foi também com o intuito de levar os estudantes a terem a oportunidade de estar em contato com um texto teatral em mãos, sendo entregue a cada aluno um impresso para levarem para casa, aproximando-se e apropriando-se assim da obra “em mãos”, bem como os motivando à leitura fora do contexto da sala de aula.

A escola tenta dar oportunidades e tenta motivar a prática da leitura, em busca de levar os estudantes a reconhecer o quanto necessário e importante é essa prática. Fazem campanhas de incentivo, os estudantes têm acesso à biblioteca da escola para empréstimo de livros, bibliotecários realizam eventos literários no espaço da biblioteca como forma de incentivar a busca pelos livros na escola. Vidor também fala sobre isso para reafirmar esse contexto, cito: “É fato que as campanhas para a promoção da leitura, os professores, os bibliotecários – sempre com as melhores intenções – tentam convencer as pessoas da necessidade desta prática.” (VIDOR, 2016, p. 24).

A pesquisa prática dentro da sala de aula se mostrou desafiadora a todo o momento. Logo nas primeiras aulas em que expus no Caderno de relatos da prática nas aulas 3, 4 e 5 nas quais realizamos a leitura, o barulho externo era recorrente, pois a sala do 7º ano C ficava próxima da quadra da escola e ouviam-se os gritos de gol e vibrações. No entanto persistimos e continuamos rumo à leitura sem darmos importância à agitação do lado de fora. A leitura do texto por sinal foi bem tranquila; utilizamos três aulas, de cinquenta minutos cada, para conseguirmos fazer toda a leitura. A sala se mostrou atenta à leitura e foi feita a distribuição de personagens pelo interesse de cada um. Percebia-se a falta de compreensão de palavras, talvez porque muitos não têm o hábito de ler e tampouco de ler um texto teatral. Vidor aborda sobre este questionamento a respeito da falta da prática da leitura no Brasil: “Ao dirigir um olhar mais atento para o tema, pude notar seus recorrentes desdobramentos em questões como falta de compreensão do que se lê, falta de prazer demonstrado pelo ato de ler, falta de hábito de leitura, entre outras.” (VIDOR, 2016, p.24). Por esse motivo, considero importante práticas teatrais que proporcionem ao estudante o contato com textos teatrais, narrativos, poemas, textos literários, etc.

4.3 Adaptações do texto e caminhos ao buscar a materialização.

Meu objetivo não era montar um espetáculo teatral e, sim, levar tanto pesquisadora quanto participante a elaborações das cenas partindo das intenções das

falas do texto. Por este pensamento é que não pretendia ser fiel ao texto, todavia trabalhar recortes dele, porém com as intenções da autora e então associar falas com jogos e improvisações.

Segundo Pupo, no século XX o texto ganhou novas formas de se interpretar, cito:

É no século XX, mais precisamente nas suas últimas décadas, que a configuração do campo da semiologia do teatro começa a lançar novas luzes sobre o estatuto do texto dentro da representação teatral. A ideia de que o espetáculo não tem como função desvelar o sentido supostamente inequívoco da peça escrita ganha envergadura. Uma vez que o espetáculo pouco a pouco deixa de ser visto como tradução do texto, ou mesmo como ilustração a seu serviço, começa a cair por terra a noção de fidelidade ao texto. (PUPO, 2005, p.01)

A partir de então, o texto começa a ser visto de forma ampliada, podendo ser jogado, interpretado, estudado, experimentado, dentro da linguagem teatral de uma forma diferente, com um olhar leve e livre. No caso do trabalho com o texto teatral em um contexto escolar, podemos, a partir do pensamento de Pupo, romper com a visão espetacular presente nas montagens de peças para datas comemorativas e pensar em criações livres, resultando em ações alinhadas por meio da cena, com visões críticas sobre a arte do teatro. Experimentar o texto teatral como recortes de falas, cenas curtas, não perdendo o contexto da cena. As primeiras aulas foram trabalhadas com o texto já antes adaptado do original por mim, sendo utilizado para a leitura¹⁷ em sala de aula e entregue aos estudantes em mão, ou seja, a leitura foi realizada com o texto que lhes fora entregue.

Ao inserir o texto teatral dentro da sala de aula, tentei provocar nos participantes as várias possibilidades que o texto oferece a criatividade, a expressão, criando espaços e aberturas para as elaborações das cenas e para irmos desvelando em busca da materialização desse texto por meio do corpo e poder perceber o modo como os estudantes colocam-se perante o texto.

No decorrer do processo prático, ao inserir o texto e aliá-lo aos jogos com intuito de apropriação do texto, aulas 7 e 8¹⁸, pude perceber a preocupação em memorizar

¹⁷ Aulas 3, 4 e 5-Caderno de Relatos da Prática.

¹⁸ Caderno de Relatos da Prática.

rapidamente as falas das personagens. Na aula 9, ao ter entregado o texto aos estudantes, falei a respeito da preocupação em memorizar o texto e que também fiz reflexões com citações a respeito. Trago aqui no artigo, como reflexão de meu próprio processo de pesquisa prática e condução e que me fez refletir a prática e questionar-me. Será que lhes ter dado o texto logo após a leitura, incitei-os a memorizar de imediato as falas de suas personagens uma vez que já havia feito a distribuição? Ou seria porque estavam afoitos em logo fazer teatro? Para eles o teatro nada mais é do que sair decorando as falas? Todavia, o intuito de ter-lhes entregado o texto após a leitura feita em sala de aula foi de poder dar liberdade de leitura e, ao mesmo tempo, apropriarem-se dele e assim fazer surgir imagens em relação à cena, tudo isso de uma forma descontraída.

Diante da preocupação em memorização das falas, na aula 10, instiguei os estudantes a ações de uma forma corporal expressada por meio do corpo estático, sendo: quem observou reproduziria essa forma e a repassaria; em seguida, nessa mesma aula, trabalhei com uma frase, sem ser do texto teatral, na tentativa de levar os estudantes às várias possibilidades de pronúncias, de falar o texto com vários sentimentos para levá-los às expressões por meio do corpo, sem utilizar o texto, diminuindo assim a ansiedade de memorização.

Na aula 11, retomei trabalhando com o texto. Como objetivo, trabalharíamos o texto que lhes foi entregue já adaptado. Todavia, seguiam com a preocupação em memorizarem as falas. Sendo assim, sugeri aos estudantes uma nova reorganização¹⁹ para facilitar tanto a memorização quanto a criação de cenas, subdividindo-as em grupos de cenas, uma vez que os estudantes estavam preocupados demasiadamente em decorar rapidamente as falas das respectivas personagens.

Pelos relatos dos estudantes em sala de aula pude perceber quanto a reorganização das cenas contribuiu para diminuir a ansiedade pela memorização, já que eram poucas as falas destinadas a cada participante. Com a nova reorganização uma única personagem poderia ser feita por vários estudantes. A partir de então, o texto começou a ser visto por partes, sendo criados seis grupos e cada um deles ficou com uma parte do texto. Ao seguirmos trabalhando dessa forma, cada grupo pensou em uma cena e não mais no texto na íntegra; com isso, o processo de memorização de falas

¹⁹ Aula 12-Caderno de Relatos da Prática.

deixou de preocupá-los, passando a pensar mais em como criar a cena por meio de expressões do corpo, dos movimentos e da voz.

Prossegui a instigar o trabalho com o texto, agora com as cenas reorganizadas por partes e com os jogos, na perspectiva de construir as cenas. Pouco a pouco, fui tentando trabalhar com os grupos de cena, levando-os a se apropriarem do texto e poder construir em grupo. Mencionei no caderno de relatos da prática²⁰, em que trabalhei com jogos teatrais, fundamentados por Spolin (1979), adaptando-os, e com perspectivas da apropriação do texto de forma que explorassem o corpo e suas formas de expressões.

A aula 16 foi dada com o propósito de descontração e de trabalhar a concentração com a perspectiva de possibilitar a aproximação entre os participantes.

Nas aulas 18 e 19, orientei-os a explorar as expressões por meio do corpo, dos movimentos, com objetivo de criar cenas a partir de falas escolhidas do texto, aliando-se aos jogos e adaptados ao contexto.

Nas aulas práticas, pela relação entre jogos e texto, busquei que os participantes pudessem se envolver e desenvolver de forma contínua, com possibilidades nas criações das cenas. Começaram a surgir cenas em nossas últimas aulas a partir de recortes de algumas falas do texto, ao trabalhar com as improvisações nos níveis baixo, médio e alto²¹.

Nas aulas seguintes, continuei a instigá-los a trabalhar as expressões por meio do corpo; todavia, com os recortes de algumas falas escolhidas por eles, para serem mostradas nos níveis baixo, médio e alto.

Com os jogos e com o texto sendo trabalhados nos níveis, os estudantes foram-se soltando e apropriando-se de algumas falas de jeito que não se preocupassem com a memorização, concentrando-se nas formas de como expressá-las por meio do corpo.

Os grupos pensaram e criaram cenas a partir do texto, de recortes de falas contidas em suas cenas Percebi que a grande maioria dos estudantes rompeu a barreira do texto única e exclusivamente como leitura, ou seja, falar o texto como se estivessem “ditando” o texto em cena “mecanicamente”. Expandiram, utilizando a voz com entonações, criaram movimentos, criaram expressões dentro das intenções do texto com perspectiva de saírem do texto apenas como leitura, materializando-se em ações cênicas

²⁰ Aulas 13 e 14-Caderno de Relatos da Prática.

²¹ Aulas 20, 21 e 22-Caderno de Relatos da Prática.

por meio do corpo. Mesmo sem finalização, inacabadas, aos poucos, as cenas foram surgindo, sendo criadas pelos estudantes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao passar por esse processo de pesquisa no decorrer do ano letivo de 2017, com o olhar de pesquisadora e professora, ambos se misturavam e, volta e meia, questionava-me: e a professora? Como conquistar uma relação mais próxima com os estudantes? Registrar, ministrar, coletar e anotar dados, entrevistar, observar, tudo isso me levou a ter um olhar voltado mais para pesquisadora.

Como professora-pesquisadora busquei nas aulas instigar, provocar, estimular, possibilitando, por meio do texto e dos jogos, a movimentação, a expressão de forma espontânea, a leitura para as suas ações cênicas.

No percurso da pesquisa prática, ficou evidente que esteve presente o processual. Todavia pensávamos em apresentar as cenas para a escola, era uma intenção, porém não era o objetivo primordial.

Diferentemente de minhas experiências extracurriculares, em que o trabalho com o texto teatral destinava-se muito ao propósito de realizar espetáculos a montagem propriamente dita, com figurinos, maquiagens, cenários, sonoplastia; ou seja, no final de todo o processo, sempre houve objetivos de apresentar para toda a comunidade escolar, para os pais e em um dos teatros da cidade, o Rondon Pacheco.

Avaliando minha experiência dentro da sala de aula nos horários de Arte, os desafios foram diferentes das oficinas extracurriculares; nelas, o estudante procurava a oficina que gostaria e tinha a pretensão de fazer, ou seja, procuravam de acordo com o próprio desejo; os horários das aulas eram duas vezes por semana, sendo cerca de duas horas e meia; números reduzidos de alunos, no máximo 15 participantes por turma; sala adequada para a realização das aulas, com espelhos, sem carteiras e cadeiras, equipamentos de som adequado. Para mim, fica evidente que inserir o texto teatral em uma “oficina” com tais parâmetros são realidades diferentes das que se insere o texto teatral nos “horários de Arte” em sala de aula, em que o estudante cumpre obrigatoriamente uma carga horária de cinquenta minutos uma vez por semana, dentro do ensino fundamental II; consequentemente, o tempo de trabalho com o texto é menor, muitos estudantes faltam as aulas, carteiras e cadeiras, número maior de estudantes. O

que também não quer dizer que dentro de uma “oficina” não existam seus desafios; sim que eles existem; todavia, em contextos diferentes como desistências, faltas às aulas ocorriam com frequência, prejudicando o grupo participante; conseguir verbas para a produção, confecção de figurinos, pois muitas vezes alguns não tinham condições financeiras para adquiri-los. Estes desafios perpassavam nas “oficinas extracurriculares” as quais ministrei por cinco anos. Ressalto que os objetivos, os olhares eram voltados para o produto final; não que o processo não fosse considerado; entretanto, eram voltados mais para uma montagem de um espetáculo teatral. O que não quer dizer que tanto em sala de aula quanto em oficinas extracurriculares os objetivos não foram alcançados. Ainda sim, cada um foi pensado, estudado, pesquisado de acordo com seus respectivos objetivos.

Considero que o trabalho em sala de aula foi uma experiência enriquecedora como professora. Reconheço que, apesar dos desafios supracitados, essa pesquisa significou dar-me a oportunidade de experimentar o texto teatral nas aulas de Arte, uma vez que minhas experiências com o texto teatral foram mais com as oficinas extracurriculares.

O trabalho com o texto teatral nas aulas de Arte estimulou os estudantes a explorarem diálogos do texto, mesmo enquanto recortes, e de exercitarem as várias maneiras de pronunciá-los. Os jogos proporcionaram vivências dentro da linguagem teatral, com perspectivas de construir cenas, por meio do corpo, dos movimentos e da voz.

A maioria dos estudantes se envolveu durante o processo de pesquisa. Mesmo não os dando a liberdade de escolha da não participação nas aulas, o que para alguns em um primeiro momento foi como uma afronta; ainda sim, a maioria participou, uns mais e outros menos, salvo alguns que efetivamente não participaram das ações que foram propostas, mesmo assim, cooperaram como ouvintes e acompanharam todo o processo da prática.

Nas últimas aulas, pude perceber por meio de relatos escritos,²² uma mudança de pensamento em relação ao teatro e ao texto teatral. Pontuaram que o teatro não era só “decorar texto”, que tem de “*expressar, movimentar, colocar sentimentos que não são seus na personagem*”. (K.L.S.N.).

²² Aula 23-Caderno de Relatos da Prática.

O Prof-Artes deu-me a oportunidade de vivenciar o mestrado, sendo um agente transformador tanto na minha prática docente quanto pessoalmente. Digo novamente que foi uma experiência enriquecedora, mesmo com todos os desafios encontrados. Vivenciá-lo foi romper medos, barreiras, inseguranças, me fez fortalecer, amadurecer como professora. Proporcionou-me presenciar professores que fizeram a diferença quanto às buscas, do modo como pesquisar e ir encontrando caminhos na forma de trabalhar o texto teatral dentro da sala de aula, vindo a acrescentar como experiência e aprendizado. Em uma das disciplinas práticas do mestrado “Arte do Movimento: educação somática, criação e pesquisa”, ministrada pela Prof. Dra. Renata Bittencourt Meira, pude começar a entender sobre a minha pesquisa. Ao vivenciar as ações nesta disciplina, fui ligando-as à minha pesquisa e me pus a compará-la em uma “gestação”, fez-me refletir dentro do meu contexto de pesquisa. Durante uma gestação, vários sentimentos mostram-se mais intensos, como medo, ansiedade, desejos, alegrias, amor, mesmo que durante esse tempo possa haver riscos, desafios, segue-se com confiança e com esperança e, na hora certa pra nascer, nascerá.

Essas escritas são seguimentos de uma “gestação” do processo de pesquisa tanto prática quanto teórica. E nasce com significado de conquistas, com sentimentos de alegria e agradecimentos. Agradecimentos aos que direta ou indiretamente participaram, presenciaram e me ajudaram durante essa “gestação”.

Considero que este trabalho não seja um fim e, sim, como oportunidade e como possibilidade de ter trabalhado o texto teatral de forma diferente da extracurricular, como pesquisa. Dar oportunidade tanto à professora quanto ao estudante de experimentar, vivenciar o texto *O Caso dos Pirilampos* nos horários de Arte, pensar e a ter olhares de pesquisadora. Rupturas de paradigmas, aprendizado e a certeza de que o mestrado foi um agente transformar dentro da minha prática docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do teatro: provação e dialogismo.** São Paulo: Hucitec, 2006.

FLORENTINO, Adilson. **A pesquisa qualitativa em artes cênicas: romper os fios, desarmar as tramas.** In: TELLES, Narciso (org). Pesquisa em Artes Cênicas: textos e temas. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012. (e-book) p.133.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

PAULA, Ronan Lobo de. **Processos de Formação Sobre Uma Ótica da Pedagogia da Afetividade.** V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, São Cristovão-Brasil, 21 a 23 de setembro de 2011.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Entre o mediterrâneo e o atlântico, uma aventura teatral.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Para Desembaraçar os Fios.** Educação e Realidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Brasil, Vol. 30, núm.2, 2005, pp.217-228.

SLADE, Peter. **O Jogo dramático infantil.** São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. **O jogo teatral no livro do diretor.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin.** São Paulo: Perspectiva, 2014.

TELLES, Narciso (org). **Pesquisa em Artes Cênicas: textos e temas.** Rio de Janeiro: E-Papers, 2012. (e-book)

VIDOR, Heloise Baurich. **Leitura e Teatro: aproximação e apropriação do texto literário.** São Paulo: Hucitec, 2016.

_____. **Drama e teatralidade: o ensino do teatro na escola.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

_____. **A Construção da narrativa cênica em sala de aula com base no jogo teatral - diferentes possibilidades.** Ouvirouver. Uberlândia – Brasil, V.6 n.1 p. 111-122 jan./jun. 2010.

CADERNO
DE
RELATOS DA PRÁTICA

Uberlândia – MG
2018

AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo a Deus que no decorrer deste percurso do mestrado esteve me fortalecendo e me dando saúde para não fraquejar. Em seguida agradeço à minha mãe Dalva Rosa, que muitas vezes ouviu minhas angústias e, mesmo às vezes não compreendendo a dimensão delas, sempre se manteve presente e me abençoando. Não posso deixar de agradecer à uma grande amiga, Daniela Reis, que logo no início se mostrou uma exímia e verdadeira amiga, ao se dispor a sentar longas horas de seu dia a me ajudar a pensar no projeto enquanto ao caminho do pesquisar, obrigada amiga. A Marta Braga, Jacqueline Tourino e Rita Wiggers, amigas que, mesmo em meio a turbilhões de afazeres, sempre estiveram presentes incentivando-me e apoiando. Ao meu querido orientador e amigo Tom, como assim gosta de ser chamando, agradeço por me incentivar ao mestrado e por presenciá-lo junto a mim, orientando-me da maneira mais simples e querida, assim como ele é. Agradecer também por ter o privilégio de ter um amigo como ele, dedicado, esforçado, humilde, simples e muito querido. Não posso deixar de agradecer a Renata Bittencourt e ao Eduardo Gasperin, por terem aceitado meu convite para estar na minha banca da qualificação e defesa, acrescentando muito para o crescimento e desenvolvimento dentro da pesquisa teórica e prática. Não posso deixar de registrar aqui o meu agradecimento à minha turma de mestrado, gente linda, maravilhosa, empenhada, sempre estivemos juntos, mesmo em meio às nossas angústias compartilhadas, desejando sempre forças ao outro, momentos ricos de crescimento e aprendizado. Agradecer aos professores do mestrado que acrescentaram, repassaram seus conhecimentos, dando-me possibilidades de entender e compreender a pesquisa dentro da prática pedagógica. Agradecer aos alunos da Escola Municipal Professora Carlota de Andrade Marquez por serem coautores dessa prática pedagógica, dando-me a oportunidade e possibilidades ao experimentar o texto teatral nas aulas de Arte.

Obrigado a todos.

Abraços carinhosos.

Marna Cristiane

Sumário

Apresentação.....	38
Improvisações - aula 1.....	39
Jogo do <i>Hop</i> e Improvisações - aula 2.....	45
Leitura do texto <i>O Caso dos Pirilampos</i> : aulas 3, 4 e 5.....	51
Autorização de imagens e divisão dos personagens - aula 6.....	52
Jogos de apropriação do texto - aulas 7 e 8.....	53
A preocupação em memorizar rápido o texto - aula 9.....	57
Observar e reproduzir a forma corporal - aula 10.....	59
Frase com vários sentimentos - aula 10.....	61
Aula-laboratório - aula 11.....	61
Reorganização do texto - aula 12.....	64
Apropriação do texto - aulas 13 e 14.....	66
Apropriação do texto - aula 14.....	68
Aproximação - aula extra - aula 15.....	72
Escravos de Jó - aula 16.....	73
Aproximação - aula extra - aula 17.....	75
Comunicar-se - aula 18.....	77
Apresentação para o surdo - aula 19.....	79
Quadro de cena estático - aula 20.....	81
Quadro de cena em movimento - aula 21.....	88
Apresentação em forma de exercício - aula 22.....	91
Relatos - aula 23.....	95
Ponderações finais.....	96
Referências Bibliográficas.....	98

Apresentação.

Com carinho que inicio o relato do meu Caderno das Práticas. Foi quase um ano de dedicação ao realizar a prática em sala de aula. Relatar essa prática me levou a refletir durante a pesquisa sobre o que me proporcionou estabelecer conexões entre a prática e a contextualização da escrita. Os olhares de professora imbricaram-se para a pesquisa tornando-os minuciosos, detalhados, de forma a analisar e pontuar detalhes que perpassaram durante essa trajetória, de modo a ganhar experiências na prática docente. Os jogos teatrais presentes nesse caderno partiram de um estudo dos Jogos Teatrais, de Viola Spolin (1979), que realizei ao longo de minha pesquisa de mestrado, como também de jogos que vivenciei em oficinas e na graduação²³ em teatro, que desde então fazem parte da minha prática docente. A escolha por qual jogo dar e suas possíveis adaptações ao contexto da pesquisa se deram na relação cotidiana da sala de aula. Foram pensados de acordo com as repostas e retornos da turma.

Vale ressaltar que antes de iniciar as aulas elaborei metas que fizeram parte do meu projeto de mestrado. Abaixo apresento algumas metas:

- Explorar o texto “O caso dos Pirilampos” em sala de aula no decorrer do ano letivo de 2017 para a investigação e realização da pesquisa de mestrado;
- Sensibilização da turma para a atividade proposta;
- Leitura e discussão do texto;
- Adaptação do texto;
- Divisão de personagens;
- Jogos teatrais;
- Reflexão sobre o processo das aulas dentro da disciplina de Arte;
- Registros (fotografar, filmar, caderno de anotações).

Convido o leitor a conhecer as aulas realizadas com o 7º ano C na Escola Municipal Professora Carlota de Andrade Marquez, durante o trajeto de minha pesquisa prática do Prof-Artes. Abordo aqui os processos práticos experimentados nos horários²⁴ das aulas de Arte no ano de 2017, e ao mesmo tempo pontuo comentários dentro de uma perspectiva de pesquisadora em relação aos participantes e à pesquisa. Concomitantemente faço apontamentos de alguns teóricos, trazendo-lhes em citações

²³ Graduada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas. (2000).

²⁴ Foram realizadas duas aulas extras fora do horário da aula de Arte.

para a fundamentação de suas significações dentro do contexto no momento das ações. E em determinados momentos apresento algumas falas dos estudantes.

Improvisações - aula 1.

Na primeira aula, falei, inicialmente, aos estudantes que a turma do 7º ano C foi a que apresentou o maior número de estudantes interessados em participar da minha pesquisa de mestrado; a participação seria de toda a turma, uma vez que as aulas práticas aconteceriam dentro do horário de Arte. Todo o processo prático da pesquisa: as criações de cenas, o trabalho com o texto teatral *O caso dos Pirilampos*, os jogos teatrais, leituras, ensaios, etc., realizaríamos dentro do horário das aulas de Arte, e que o trabalho seria desenvolvido no decorrer do ano letivo de 2017.

Convidei-os pra irmos ao “quiosque”, o espaço aberto, porém coberto que existe dentro da escola. Prontamente se levantaram, até porque é um lugar de que todos gostam. O fato de sair da sala de aula os motiva, sendo de certo modo importante para a pesquisa, pois os alunos fazem quase todas as atividades dentro da sala de aula. Percebi alguns falando com outros: “Ai que bom vamos sair da sala de aula!”. Outro: “Que bom, uma aula diferente, fora da sala de aula!”. Tanto professora quanto estudantes estavam ansiosos para as aulas práticas de teatro, pois já havia comentado com eles sobre a pesquisa para saber qual seria o interesse da turma.

Antes de irmos para o quiosque, expliquei a todos que, ao participarem e colaborarem com a pesquisa prática de mestrado, estariam sendo filmados e fotografados, pois necessitaria de registros para a pesquisa. Expliquei que faríamos alguns jogos teatrais e que eles nos ajudariam a trabalhar em grupo e nas criações, que os jogos nos proporcionariam momentos lúdicos e contava com a participação e a colaboração de todos.

Iniciei a aula com base nas explicações e propostas de Spolin, em que ela relata no seu livro *Improvisação para o Teatro*²⁵. No entanto, elaborei o jogo pensando no foco de concentração do “onde” e “o quê” com adaptações para o contexto do grupo.

Solicitei que fizéssemos um círculo e enumerei de 1 a 4 cada estudante, pedi que os números 1 se agrupassem e os 2 se agrupassem e assim sucessivamente, formando

²⁵ Primeira Sessão do “onde”: o estabelecimento do foco no “onde”, “quem” e “o quê” (1979 p.82-91).

então 4 grupos. A instrução foi cada um com seu corpo deveria ser um (objeto) deste lugar, uma vez que lhes dei o “onde”, ao qual representariam somente com o corpo em forma estática este objeto “o quê”. Cada grupo se posicionou num canto separado, distantes para que um grupo não presenciasse a decisão e os comentários dos outros grupos, pois cada grupo iria se apresentar um para o outro. Disse que deveriam ser rápidos nas decisões, uma vez que teriam somente cinco minutos para as discussões entre eles. Por ser a primeira aula com a turma, decidi dar o “onde”, eles ficariam com o “quê”.

Grupo 1 - Sala de Aula.

Grupo 2 - Sala da Casa.

Grupo 3 - Fazenda.

Grupo 4 - Discoteca.

Imagens 1, 2, 3 e 4: Quiosque (área externa da escola) - Grupos reunidos.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Nas imagens acima, os grupos reunidos para as discussões e decisões que objetos “o quê” cada um seria neste lugar “onde”. Cerca de 10 minutos depois demos início às apresentações de cada grupo.

Para minha surpresa, todos participaram de nossa primeira aula de teatro (jogo teatral). Não houve murmúrios, ninguém correndo, brigando, o que às vezes acontece dentro da sala de aula. Fui surpreendida com o comportamento da turma, pois tamanho era o interesse de todos para a realização do jogo ao qual todos participaram das ações, até mesmo os que se diziam muito tímidos antes de iniciarmos.

Em relação ao grupo 1 (IMAGEM 5) - Sala de aula “onde” - ao se apresentarem, logo no primeiro momento um participante diz: “é a sala de aula” fiquei surpresa com a rapidez em saber o lugar e perguntei: “Como souberam tão rápido?”. Um participante respondeu: “Ué professora, o professor é o que está na frente e ele está com o giz nas mãos e no quadro”. Percebi que na verdade alguns não representaram objetos e sim atitudes como, por exemplo, esconder o celular, uma participante fazendo como se estivesse à mesa sentada na cadeira escrevendo no caderno. Percebi que o grupo com o corpo estático ao mostrar este lugar na tentativa de representar, fisicalizar²⁶ o objeto deste lugar, representaram quem eram neste lugar. No entanto, deixei os grupos a mercê da criatividade e da imaginação de cada um, neste momento não quis fazer intervenções, uma vez que a turma já conhecia o espaço do quiosque e por ser nossa primeira aula.

²⁶ Spolin explica sobre o termo Fisicalização: “Mostrar e não contar; a manifestação física de uma comunicação; a expressão física de uma atitude; usar a si mesmo para colocar um objeto em movimento; dar vida ao objeto...representar é contar, fisicalizar é mostrar; uma maneira visível de fazer uma comunicação subjetiva.”(SPOLIN, 1979,340).

Imagen 5 - Quiosque - Grupo 1 - Sala de aula “onde”.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

O grupo 2 (IMAGEM 6) - Sala da casa “onde” - deixou clara a representação deste lugar “onde”, todos os participantes representaram com o corpo estático o objeto “o quê” deste lugar, ficando claro para a plateia os objetos e o lugar. Percebe-se pela foto abaixo, a participante que estava deitada dizia ser o tapete da sala, a que estava ajoelhada dizia ser um vaso, o que estava sentado com as pernas abertas dizia ser a televisão, o que estava em pé era a porta, as duas sentadas diziam ser sofá, e a que estava em cima do murinho dizia ser um quadro na parede.

Imagen 6: Quiosque - Grupo 2 - Sala da casa “onde”.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

No grupo 3 (IMAGEM 7) - Fazenda “onde” - muitos também representaram “quem” deste lugar, teve o peão laçando o boi, a lavadeira lavando a roupa, a plateia soube falar o lugar devido à representação do “quem”, no entanto a instrução seria cada um com seu corpo deveria ser um objeto “o quê” deste lugar, uma vez que lhes dei o “onde”.

Imagen 7: Quiosque (área externa da escola) - Grupo 3- Fazenda.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Já no grupo 4 (IMAGEM 8) - Discoteca - todos representaram “quem” eram neste lugar, deixando de lado “o quê”. Uns representaram as pessoas dançando na discoteca, outros foram os garçons servindo bebida e uns estavam simplesmente curtindo e bebendo, uma era a que recebia os ingressos na portaria da discoteca e um foi o DJ.

Imagen 8: Quiosque - Grupo 4 - Discoteca.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

A aula terminou e não foi possível fazer o fechamento para as discussões; senti a falta disso neste momento para que pudéssemos discutir o jogo e as representações deste lugar “onde” e objetos “o quê” e que alguns grupos representaram “quem” neste lugar. Mesmo com o horário da aula terminar antes de fazermos o fechamento do jogo, percebi, nesta primeira aula de teatro, com uma turma de mais de 30 alunos o interesse e a participação de todos, mesmo que alguns se mostrassem tímidos. Houve também interesse em observar e saber que lugar era e o que cada um era neste lugar. No entanto, por não ter dado o devido tempo para o fechamento, pedi que cada um escrevesse em uma folha avulsa para me entregarem o que acharam da aula, de como foi participar do jogo teatral com toda a sala.

Abaixo cito alguns relatos dos estudantes sobre a aula:

O teatro é bom porque muitas vezes mostra que tem dentro da gente, faz tirar a arte que tem dentro da gente. Nas outras escolas eu gostava muito de fazer apresentações e nessa escola achei o teatro aqui, pra mim ajuda muito a aliviar a alma. Eu gostei bastante de fazer uma dinâmica de teatro. (K.L.S.N.2017).

Eu gostei desses jogos de teatro, todos os grupos foi bem, eu queria de novo o teatro, é muito bom fazer objetos, personagens, você escolhe alguém, os grupos fizeram objetos, animais, personagens. (S.P.S.2017).

Eu gostei muito, eu me diverti muito com os personagens. Eu gostei de ter imitado um vaso. Gente, nem vi o tempo passar, foi muito legal! Esse projeto é muito legal eu vou aprender muito com o projeto. O teatro parece que descansa a cabeça, a gente aprende mais. (A.F.S.2017).

Eu achei legal, mas eu tenho vergonha, mas depois que terminou ‘tava’ de boa, não sei se eu vou conseguir fazer isso na frente de todo mundo, mas vou tentar, é legal ver que ninguém desconfia. Nunca tinha feito isso assim. Muito bom. (A.F.C.2017).

Gostei muito dessa experiência e aprovo outras aulas assim, isso desperta a imaginação do aluno e isso é importante na vida do aluno. Amei. (J.F.S.2017).

A partir dessas considerações de relatos dos estudantes por vivenciarem um dia de aula de arte dentro da linguagem teatral, percebo o quanto gratificante é ver, ouvir e ler palavras vindas dos estudantes, mesmo que para alguns, dentro da sua timidez, entraram no jogo teatral, o que para uns era fácil e prazeroso seguir as orientações dadas, para outros já era difícil, assim mesmo realizaram o jogo teatral. Compartilho algumas palavras do pensamento de Viola Spolin sobre a orientação:

A orientação não deve ser vista como um mero processo introdutório ou de “ficar acostumado”. É, por outro lado, o primeiro passo para a criação da realidade colocada diante do aluno-ator e, como tal, tem um valor significante para o iniciante.

- 1 - Ela estabelece um método de solução de problema sem interpretação, trazendo a primeira consciência orgânica do eu, do objeto, e trazendo também o ambiente para o aluno. É o primeiro passo para a remoção da resposta subjetiva do tipo fingimento/ilusão.
- 2 - Leva o aluno a dar o primeiro passo para o relacionamento com o Objeto.
- 3 - Leva o aluno a dar o primeiro passo para o Envolvimento com o Objeto. Estabelece a realidade do Objeto entre os alunos.
- 4 - Compõe a técnica dos jogos teatrais e traz divertimento e espontaneidade para os exercícios de atuação.
- 5 - Encoraja o acordo grupal e a participação individual nas tomadas de decisão. (SPOLIN, 1979, p.45,46).

Percebo que quando o participante assimila as orientações, ele tende a dar respostas que dialogam com a proposta do jogo, dentro de seu entendimento e conhecimento; todavia, quando não, ele se desvia das orientações.

Jogo do Hop e Improvisações - aula 2.

Logo que entrei na sala de aula, um estudante gritou: “Professora, vamos para o quiosque hoje de novo?” Em seguida, respondi: “Iremos sim.” De ímpeto respondeu: “Oba!”. Outro perguntou: “Vamos fazer mais jogos teatrais?”, respondi que sim. Pela fala, percebe-se que assimilaram a nossa primeira aula, não chamaram de brincadeiras e, sim, de jogos teatrais. Direcionamo-nos todos para o quiosque.

Pedi que dessem as mãos para fazermos um círculo e expliquei que o jogo teatral que iríamos desenvolver tem por nome *Hop*. Esse jogo tem como propósito trabalhar a articulação da energia dentro do grupo. Foi tirado de uma aula de oficina de teatro ao qual eu já havia participado anos atrás, na época da graduação. Não sei dizer ao certo a origem e de onde veio esse jogo. Em círculo, inicia o jogo, o movimento com os braços batendo as palmas das mãos; com um olhar fixo e firme, o estudante bate as palmas das mãos e, ao mesmo tempo, diz a palavra *Hop* e fixa o olhar para o colega que enviará o *Hop*; faz isso em círculos e depois, em um dado momento sinalizado por mim, poderiam jogar esse *Hop* para quem quisessem, uma vez que era necessário jogar o *Hop* para um colega do círculo; ao receber o *Hop* com certa energia,²⁷ o aluno também deveria jogar energicamente.

Imagens 9, 10, 11 e 12: Quiosque (área externa da escola) - Jogo do *Hop*.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Percebi que os participantes ficaram com vergonha de falar a palavra *Hop*, de olhar diretamente nos olhos do outro e, consequentemente, perderam a energia. Ao tentarem olhar para o outro, alguns começaram a rir e logo vários estavam rindo. Parei e

²⁷ Energia no sentido do estudante dar o *Hop* com firmeza no movimento dos braços e voz ao pronunciarem a palavra.

expliquei o jogo novamente, de que necessitariam de concentração; então dei continuidade ao jogo, porém uns continuaram a rir; alguns, mesmo tímidos, se propuseram a fazer concentrados e com energia. Encerrei o jogo, pois percebi que ele não estava surtindo efeito; os que riam atrapalhavam os que tentavam fazer, então logo todos começaram a cruzar os braços e ficar parados. Diante disso, preferi encerrar e iniciei a próxima atividade. No momento foi importante encerrar o jogo, pois a turma era dispersa e, como estávamos ainda em círculo e por estratégia, a próxima atividade necessitaria ser em grupo. Dei-lhes um número para cada aluno de 1 a 4, totalizando quatro grupos.

Ao ingressar no Prof-Artes, com as disciplinas, leituras e debates entre os colegas de curso e com os professores, percebi que, às vezes, nem tudo será como planejamos ou almejamos dentro do processo de pesquisa, e que o resultado nem sempre condiz com o nosso objetivo.

Percebo que tanto estudante quanto pesquisadora buscavam compartilhar experiências que de fato vinham a ter algum significado, sejam elas quais forem dentro de cada processo de experimentações.

Dei continuidade ao jogo da aula 1, baseado na estrutura dramática de Viola Spolin (1979): “onde”, “quem” e “o quê”. Formamos 4 grupos. Neste jogo não dei o lugar “onde” como na primeira aula. Nesta aula os estudantes pensariam “onde”, “quem” e “o quê”, qual era o lugar, quem seriam e o que estariam fazendo. Teriam de criar uma improvisação de uma história com começo, meio e fim. O jogo seria em movimento e não como imagem congelada. As orientações passadas para todos os grupos foram: que não poderiam utilizar as falas, texto; que deveriam explorar a expressão por meio do corpo.

Imagens 13, 14, 15 e 16: Área externa da escola - Próximo ao quiosque.





Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Dei-lhes cerca de cinco minutos para que cada grupo criasse as improvisações. Cada grupo escolheu um lugar em torno do quiosque para se reunir. Após o tempo estipulado, iniciaram as apresentações. Expliquei onde a plateia ficaria e onde seria o palco em nosso espaço, no caso o quiosque.

Ao separarem em grupos, percebe-se que interagiram mais. O diálogo entre eles e a voz de cada um apareceu no grupo. Os risos e brincadeiras praticamente desapareceram, a concentração se tornou mais efetiva.

Em relação ao compartilhamento entre os grupos, vale destacar que o Grupo 1 (IMAGEM 17) criou a improvisação em que se encontravam dentro de um avião onde tinha o piloto e copiloto, e os passageiros deste avião. Mesmo sem muita concentração,

percebo que eles entraram no jogo na tentativa da representação deste lugar e quem era neste lugar e o que estavam fazendo.

Imagen 17: Quiosque - Grupo 1.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

O Grupo 2 (IMAGENS 18 e 19) elaborou que estavam em uma boate “onde” e eles seriam as pessoas que dançavam neste lugar. Aconteceu um assalto com todos que estavam na boate onde os assaltantes entraram encapuzados e com armas abordando todos, teve até morte neste lugar.

Imagens 18 e 19: Quiosque - Grupo 2.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

O grupo 3 (IMAGEM 20) elaborou como se estivessem em um filme, em que cada um era uma personagem: tinha o homem aranha, a personagem da tristeza, da alegria, da raiva, o participante sentado diz ser a personagem da nobreza e que estava com um computador.

Imagen 20: Quiosque - Grupo 3.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Já o grupo 4 (IMAGEM 21) elaborou como se estivessem em uma partida de futebol, os três meninos em pé eram os jogadores, os que estavam sentados no murinho diziam ser os torcedores, os que assistiam ao jogo.

Imagen 21: Quiosque - Grupo 4.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Na aula 2 também não fizemos o fechamento e as discussões devido ao tempo. Pedi novamente que relatassem por escrito como foi participar do jogo, solicitei que me entregassem seus relatos na próxima aula, com intuito de suas escritas acrescentarem no processo de pesquisa, como reflexões.

Leitura do texto *O Caso dos Pirilampos*: aulas 3, 4 e 5.

Vários estudantes já haviam perguntado em qual aula leríamos o texto teatral, o que estaríamos “montando”. Percebia a ansiedade de alguns para saber com o que iríamos trabalhar durante o ano. Uma vez que em algumas aulas fiz breves comentários sobre o texto ao qual iríamos trabalhar; abordei que no texto havia personagens folclóricos e que era uma peça teatral infantil. Disse que o texto teatral tem por nome *O caso dos pirilampos*, trabalharíamos com o ele durante o percurso do projeto.

Utilizamos três aulas para fazer toda a leitura em sala. Na primeira, pensei em sortear pela lista de chamada as personagens do texto para a leitura. No entanto, não ocorreu o sorteio; resolvi perguntar para a turma quem gostaria de ler o quê. Em seguida uma estudante falou: “Professora, gostaria de ler a Pirilampinha”; um garoto falou: “Eu quero ler o Pirilampo”; outro gritou: “Professora, gostaria de ler o Saci”; outro disse: “Professora, gostaria de ler o Sol”. Aos que iam se posicionando foram deixados com liberdade de escolha; neste momento pensei que poderia haver tumulto da disputa de um ou mais alunos querendo ler a mesma personagem, mas foi bem tranquila essa divisão. Assim foi feita a leitura da primeira aula, até a página 14. Importante mencionar que fiz algumas adaptações no texto, pequenos cortes de falas, para que não atrapalhasse a fluência da história.

Imagens 22 e 23: Leitura do texto.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Na segunda aula, não houve nova distribuição de personagens, continuaram os mesmos estudantes. Mesmo os que não se ofereceram leram as personagens das Árvores. Paramos na página 22 (no Entreato).

Continuamos na terceira aula, com o objetivo de tentarmos terminar nesta aula. Alguns estudantes começaram a atrapalhar a leitura, logo pedi a colaboração e a atenção deles, respeitaram e demos continuidade. Encerramos quando tocou o sinal terminando o horário da aula. Alguns estudantes já vieram me pedir o texto para poder levar pra casa e já irem decorando, mostrando-se interessados. No entanto, disse que ainda não levariam, pois não havia distribuído que personagens cada um fariam.

Percebi que muitos demonstraram ter dificuldades para ler com pontuações, entonações e entendimentos de palavras. Percebi que a maioria não tinha o conhecimento do que é a rubrica no texto teatral. Expliquei a eles que a rubrica é como dicas do autor, tem função de indicar ações das personagens, clima, ambiente, tipo de cenário, dentre outros, mas que não precisaríamos ser fidedignos a todas as indicações do autor, que teríamos também nossa liberdade de criação.

No geral, notei que a turma se mostrou atenta à leitura no decorrer das três aulas, o que geralmente é meio complicado em se obter concentração de uma sala toda para as atividades. No final agradeci o interesse e a participação de todos e dei-lhes os parabéns pelo envolvimento.

Autorização de imagens e divisão dos personagens - aula 6.

Iniciei esta aula explicando a importância dos pais e responsáveis assinarem a autorização de imagens, uma vez que poderíamos vir a divulgar o trabalho com fotos, vídeos e postagens na *Fan Page* da rede social *Facebook*, que seria criada dentro do trabalho de pesquisa e que, sem as autorizações, não poderia postar vídeos e fotos em redes sociais ou em qualquer meio de comunicação. Distribui a autorização de imagens para entregarem aos pais ou responsáveis e me devolverem assinadas por eles. Vale destacar que essa *Fan Page* não foi realizada, uma vez que iniciei a criação, divulguei a página para a turma, com o intuito de levar os estudantes a interagirem também via *Fan Page*. No entanto, isso não foi viável porque parte da turma não mantinha acesso diário

via internet, uns por não terem condições e outros por falta de interesse. Entretanto durante o trajeto dessa pesquisa optei na realização desse Caderno de relatos da prática.

Demos continuidade à aula. Informei que faríamos a divisão das personagens e que seria feito de acordo com o que cada um pediu para ler nas aulas anteriores. Um a um foram até a mesa da professora e pegaram o texto para levar para casa. Daí em diante poderia reler e ir se familiarizando com as falas das respectivas personagens.

Cada um que pegou o texto assinou a folha com seu respectivo nome, o objetivo era de deixar registrado de que naquela data eles pegaram o texto.

Imagens 24 e 25: Entrega do texto.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Jogos de apropriação do texto - aulas 7 e 8.

Quem passasse rapidamente pelo corredor e espiasse nossa sétima aula teria a impressão de que ela era uma bagunça, havia muitos risos, conversas ao mesmo tempo. Porém considero-a uma “bagunça produtiva”. Mas como assim? Uma bagunça produtiva?

O encontro começou com a formação de grupos. Sentaram-se as personagens: Quaresmeira de um lado; as Paineiras de outro; Ipês e os Guarabús, isso porque distribui as personagens das árvores para vários estudantes; sentaram-se Pirilampo e Pirilampa juntos, os dois Sacis, Aurora e Iara; Curupira e Boitatá também sentaram juntos.

Destaquei que nessa leitura incluiriam alguns sentimentos ao lerem com os colegas. Aqui tomei como exemplo Maria Lúcia de Souza Barros Pupo (2005), ao trabalhar o texto e o jogo, em sua oficina de teatro em Marrocos na qual ela destaca diferentes formas de se trabalhar o texto no jogo teatral. Iniciei o jogo com quatro

sentimentos: alegre, raivoso, choroso e risonho, e poderiam alternar. Tentei fazer desta forma para que eles não ficassem presos somente às emoções e sentimentos do texto, mas que pudessem “brincar” com as falas do texto.

É notável que para se chegar a uma ação teatral é preciso antes levar os estudantes a várias experimentações e formas de se trabalhar com o texto, com a perspectiva de que possam ao longo do trabalho ter o entendimento de que podemos estabelecer uma relação entre o texto e o jogo, dando a eles várias pistas e possibilidades de materializar o texto teatral e, por meio do jogo, construir a cena teatral dentro da sala de aula.

Afirmo com as palavras de Pupo sobre os Jogos de Apropriação do texto: “Eles têm como finalidade fazer com que o jogador se impregne sensorialmente do texto, mediante a exploração da materialidade do significante, antes de passar à improvisação teatral propriamente dita.” (2005, p. 68), ou seja, os jogos permitem o exercício e as descobertas de caminhos para a materialidade. Continuo a citar Pupo: “Mediante seu exercício, se instala um patamar sólido que permite a descoberta de conotações imprevistas. A própria matéria sonora do significante é experimentada de várias maneiras, passando, assim, a ser condutora do jogo teatral que se segue.” (2005, p. 68). Portanto por meio do jogo e do texto, ao utilizarmos a voz, o corpo, podemos construir entonações, emoções, sensações, ações e chegarmos à cena teatral.

Percebo que a aula da “bagunça produtiva”, uma vez que em meio a tanto barulho de vozes, de riso, de choro, de alegria, de tristeza, um dos objetivos foi de explorar os vários modos de pronunciar as falas de suas respectivas personagens. Transcrevi um dos relatos no qual pedi aos participantes que me escrevessem sobre a aula, e cito:

Hoje eu gostei muito da aula de Arte, fizemos a leitura do texto teatral, pois através dessa leitura a professora nos falou que sentimentos a gente tinha que usar para ler o texto teatral e eu pude expressar um sentimento que estava dentro de mim, e eu não sabia expressá-lo bem, mas hoje finalmente pude expressá-lo finalmente... Nesse teatro eu sou a Pirilampinha e meu parceiro é o doutor pirilampo e eu fiz o sentimento de raiva e o L. alegre, depois eu fiz o sentimento de choro e o L. de gargalhadas e foi legal poder expressar esses sentimentos, todos em forma da leitura do texto teatral e também só podemos despertar isso graças a nossa professora, ela é muito exemplar para nós... (J.2017).

O jogo teatral possibilitou aos participantes a experimentação de vários modos de se falar o texto por meio de sentimentos, em um único momento.

Foi notável a disposição, interesse na realização das atividades propostas entre a maioria. Vale destacar que durante o ano vários jogos de apropriação do texto foram desenvolvidos.

Imagen 26, 27, 28 e 29: Leitura com os vários sentimentos.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Na aula 8, continuei o trabalho de apropriação do texto; agora, a partir do texto *O Caso dos pirilampos* com improvisações. Ao entrar na sala de aula, alguns estudantes já falaram em voz alta, “Professora, nós vamos para o quiosque hoje?”, de pronto respondi que sim. Fiz a chamada. No entanto antes de irmos expliquei como seria o jogo no quiosque. Fiz a divisão dos grupos de acordo com os diálogos das personagens no texto. Cada grupo escolheria dois ou três diálogos entre eles elaborariam uma improvisação em forma de cena por meio do corpo e apresentarem para turma. Dirigimo-nos ao quiosque. Dei quinze minutos para planejarem a cena improvisada. Após o tempo estipulado, reunimos e iniciamos as apresentações.

Imagens 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36 e 37: Área externa da escola próxima ao quiosque. Os grupos reunidos para as discussões e criações das cenas improvisadas.





Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Os grupos foram à frente mostrar as apresentações improvisadas. De fato não saíram cenas improvisadas, cada um foi dizendo parte de suas falas do texto em pé, uns mais, outros menos tímidos, outros esquecendo falas, rindo. Outros seguiam na tentativa de falar o texto como se já quisessem memorizá-lo. Em seguida dei orientações pedindo que tentassem mostrar a cena sem texto nas mãos de forma a improvisarem.

Neste jogo não lhes dei muitas instruções, foi proposital e, tampouco, interferi no trabalho dos grupos, o que também foi proposital, com o objetivo de que eles começassem a se apropriar do texto e das falas das personagens. As improvisações de cena também eram uma motivação para que pudessem se agrupar e irem se familiarizando entre si; fazendo isso, de certo modo, o texto estaria sendo trabalhado, porém em outro espaço fora da sala de aula.

A preocupação em memorizar rápido o texto - aula 9.

Nesta aula propus aos estudantes que se reunissem novamente em grupos para a leitura das respectivas personagens. Não sairíamos para o quiosque. Faríamos a leitura dentro da sala de aula, pois assim poderiam ir familiarizando com a linguagem do texto, sua forma poética, pois o texto nos trás a rima em seus diálogos. Ficariam na liberdade de entonações, sentimentos e emoções de cada um.

Percebia-se a preocupação dos participantes em memorizar. Talvez essa preocupação tenha a ver com o senso comum do texto como centro do teatro.

No entanto meu objetivo nessa aula não era a memorização, mas que trabalhassem o texto um com o outro e, a partir de então, pudessem imaginar como

seriam os diálogos em forma de cena e que pensassem sobre os vários modos de entonações, sentimentos, emoções e materializar em ações físicas as falas.

Entretanto, é visto que se preocuparam mais em memorizar o texto. Neste sentido percebe-se que a maioria vê um texto de teatro e logo pensa em decorar, sendo assim, para eles, já estão fazendo teatro. De fato sei que ter-lhes dado o texto para levarem para a casa causou ansiedade na turma. Compartilho das palavras de Spolin ao escrever a respeito da memorização das falas muito cedo:

A memorização das falas muito cedo traz muitas ansiedades, pois o medo de esquecê-las é grande. Essas ansiedades permanecem como uma sombra sobre o espetáculo. Se por alguma razão a memorização logo no início for inevitável, o diretor deve mostrar aos seus atores como consegui-las de uma maneira relaxada. (SPOLIN, 1979, p.303-304).

Entretanto, evitar a memorização, uma vez que já se encontravam com o texto em mãos, seria como dar uma bala para uma criança e não pedir para abri-la; somente observar, olhar, pegar, sentir, tocar e cheirar. Contudo, ter entregado o texto em mão para fazerem a leitura uns com os outros, logo os levaram a tentar memorizá-lo.

Sendo assim, um dos objetivos da aula foi apropriação do texto em mãos, de poder dar liberdade de leitura e, a partir daí, surgir imagens em relação à cena, tudo isso de uma forma descontraída. Não posso aqui afirmar que lhes ter dado o texto pode ter sido negativo; para mim o importante foi que os grupos se reuniram para a leitura entre eles, uma vez que meu material provocador era o texto e, de certa forma, todos se envolveram dentro da atividade, o que penso ter sido relevante dentro da proposta. A aula encerrou com a harmonia das vozes em que cada um pronunciava suas falas das personagens, ora com entonações, ora sem, ora com sentimentos, ora sem²⁸.

Além de trabalhar com os jogos teatrais, tive também o objetivo de ensaiarmos. Concordo com as palavras de Spolin: “Jogos teatrais não substituem ensaios. Ensaios com o texto e jogos devem andar juntos para alcançar harmonia no desempenho” (2013, p. 33); entretanto, para que os dois andem juntos, considerei que seria oportuna a memorização do texto para um maior envolvimento nas elaborações de cenas, assim

²⁸ A aula não houve registros com fotos.

como nos momentos de ensaios, uma vez que viessem a ocorrer. Todavia, estes ensaios não aconteceram, uma vez que o percurso do trabalho se permeou dentro do processual.

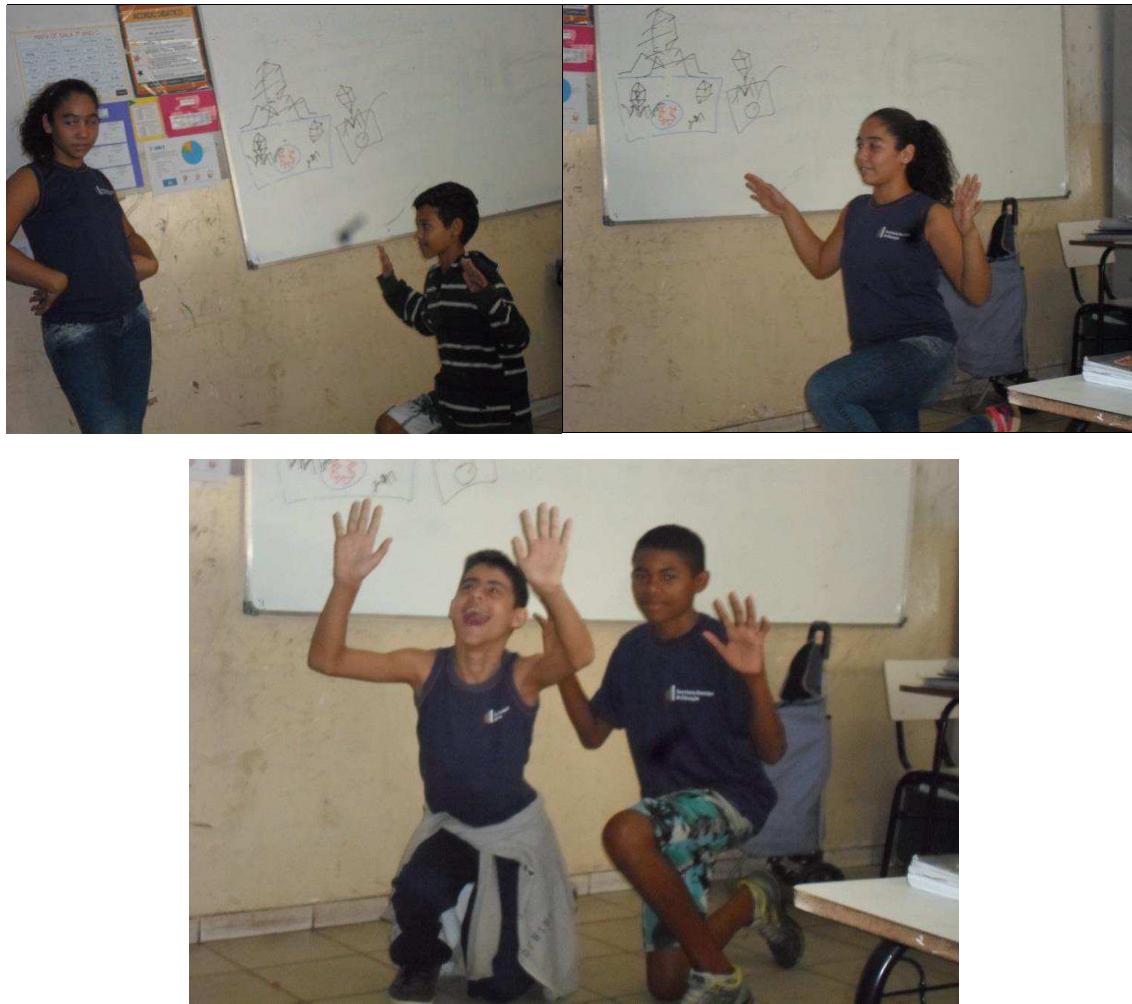
Observar e reproduzir a forma corporal - aula 10.

Conheci esse jogo em uma aula de minha graduação. Uma pessoa toma uma forma corporal e a outra reproduz e, ao final, o último reproduz a forma que chegou para ele. O jogo é feito a partir de dois participantes, podendo ser com qualquer quantidade desejada.

Pedi para os participantes empurrarem as carteiras mais para o fundo da sala, deixando assim um espaço maior no centro para a realização do jogo. A instrução era observar e reproduzir a forma corporal criada pelo participante iniciante, uma vez que vários iriam observar e reproduzir. Escolhi cerca de sete estudantes para irem para fora e um oitavo para permanecer no centro da sala de aula, e este criaria uma forma com o corpo. Expliquei ao grupo que depois ele reproduziria essa forma corporal juntamente com o sétimo participante, que seria o último. Fui chamando um a um para entrar na sala. Pedia que observasse com atenção como estava o corpo deste estudante, os braços, a cabeça, o olhar, estas foram as instruções do jogo. Ficariam como estátua até a observação do outro e até o momento que eu desse a instrução de se levantarem do lugar, pois aquele que observou iria reproduzir a forma corporal.

Imagens 38, 39, 40, 41, 42: Realização do jogo.





Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Na sequência de fotos acima, na última foto, o primeiro participante da esquerda foi o que criou a forma corporal estática e o outro à direita foi o último que procurou reproduzir a forma corporal do penúltimo participante.

Após o último participante reproduzir a forma corporal, pedi que o primeiro repetisse a mesma forma que foi criada por ele. O restante da sala já havia observado que a forma corporal não foi igual a do primeiro. Iniciei então a avaliação sobre o jogo com perguntas como: - Alguém observou a partir de quem houve alguma mudança nesta forma corporal? - Quem mais ficou atento aos detalhes? - O último ficou igual ao primeiro? Então a sala toda entrou na avaliação e respondeu que ninguém reproduziu igual ao primeiro. Partindo desse ponto, falei sobre o intuito do jogo em relação à criação de cena, de que quando criarmos é bom observar nossas expressões e a dos outros colegas, como também a forma que foi criada, uma vez que quando formos refazê-las muitas vezes pode acontecer de realmente ela não sair igual, mas se em nossa

mente e corpo ficarem registrados como elaboramos, como foi a posição, o olhar, a voz em cena, isso contribuirá na nossa construção de cena, poderemos resgatar o que elaboramos e a cena ter um sentido, e com isso as emoções e intenções que desejamos que fiquem.

Frase com vários sentimentos - aula 10.

Em seguida, nessa mesma aula dei uma frase para toda a sala: “Essa caneta é minha”. Pedi que memorizassem e escolhessem um sentimento; depois peguei uma cadeira, coloquei a caneta em cima da cadeira, pedi que, voluntariamente, alguns viessem à frente e falassem a frase com o sentimento escolhido por eles. De imediato alguns participantes foram à frente, e pronunciaram a frase, um com raiva, outro apaixonado, outro assustado, outro com medo, outro chorando. Partindo desse jogo, disse para eles sobre o texto que estávamos trabalhando, de que poderíamos pronunciar falas com vários sentimentos, entonações, seguir as dicas do autor, mas também acrescentar nossos sentimentos criativos, nossas emoções, e que seria importante lembrarmo-nos do que criamos no momento da aula para que a memória da nossa criação não se perca. Por isso, pedi para observarem mais com atenção os detalhes, voltarem-se em direção à elaboração das cenas.

Aula-laboratório - aula 11.

Classifiquei a décima primeira aula como sendo uma aula-laboratório, com a perspectiva de propor em cena o corpo em ação e as falas das personagens do texto simultaneamente.

Fomos em direção ao quiosque de novo. Pedi que todos se sentassem no chão para que pudéssemos observar melhor os grupos. Disse que daria tempo para se apresentarem. Solicitei aos participantes que atuariam como personagens do início do texto das primeiras cenas que fossem os primeiros a se apresentar. Iniciamos com as personagens Pirilampo e Pirilampa, depois com as personagens Saci, Iara, Aurora e árvores. Fiz perguntas aos participantes para que pudessem responder na forma das expressões por meio do corpo, com intenções de aguçar a criatividade por meio de questionamentos e para que respondessem de forma corporal, por exemplo, como seu

personagem anda? Ele pula? Rasteja? Como imagina que sua personagem fala com os outros? Bravo? Alegre? Com medo? Assustado? Ele é invejoso? Quais as características de sua personagem? Ele é magro? Gordo? Com ou sem cabelo? Uma ou duas pernas? Onde se encontra estes personagens dentro da floresta? Em cima de uma pedra? Dentro do rio? Sentados no chão? Falei para que não se preocupassem tanto com a memorização do texto neste momento, mas que pensassem nestas perguntas que fiz a eles e que atitudes eles tomariam.

Iniciei com a cena do Pirilampo e Pirilampa. Os dois estudantes entraram de costas um para o outro, abrindo e fechando os olhos como se não estivessem enxergando direito; logo em seguida trombaram-se e veio um susto, com a assumida expressão correspondente. Pirilampo escondeu atrás do murinho que tem no quiosque, Pirilampa continuou parada e colocou as mãos no peito expressando seu susto. Pirilampo ajoelhou-se diante de Pirilampa, tentando expressar sua admiração por ela. Percebe-se que por meio das falas de suas personagens ambos focaram na tentativa de elaborarem expressões através do corpo e mostrando-as em forma de cena.

Na cena em que estavam as personagens Saci, Aurora, Iara e Árvores, os participantes que fizeram essas personagens também tentaram criar: entrou a Aurora e sentou-se no chão; logo em seguida, veio o Saci pulando com uma perna só e falando seu texto, aproximou da Aurora pulando sem parar; depois entrou a Iara sem jeito passando as mãos no cabelo, dando a ideia de que ela tinha um cabelo comprido e falou o texto seriamente, olhou para os outros participantes observadores das ações e riu tímida, mas continuou falando o texto; em seguida entraram as personagens Árvores, todos em pé, tímidos, alguns rindo sem saber o que fazer, ora falavam o texto, ora não.

Imagens 43, 44, 45, 46, 47: Quiosque. Apresentações na aula-laboratório.







Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Pude observar que os movimentos estavam travados, a maioria preocupada em não esquecer o texto. O foco da aula foi de tentar ativar nos estudantes as ações. A priori o caminho era esse, de encorajarem a se moverem e experimentarem quais seriam os caminhos para o imaginário da cena. Notei que os participantes estavam ainda tímidos, travados ao se apresentarem.

Minha pretensão era ao mesmo tempo trabalhar o texto e prosseguir em busca de aflorar a criatividade, a imaginação, estava voltada para criações de cenas a partir do texto teatral, dando também importância ao processo, com a perspectiva de que os estudantes construíssem olhares críticos, intuitivos, criativos, participativos e observadores atentos às próprias ações.

Reorganização do texto - aula 12.

Partindo do princípio de que nas aulas anteriores os estudantes vinham-se mostrando preocupados com a memorização do texto; alguns estavam com quantidades a mais de falas que outros e, pensando também na pesquisa, em nosso curto espaço de tempo de horas/aula, propus uma reorganização do texto *O Caso dos Pirilampos*. Com a perspectiva de professora/pesquisadora subdividi a sala em seis grupos, ajustando-se em 6 cenas, ou seja, cada grupo era uma cena.

Para cada grupo dei uma quantidade de páginas do texto (de cinco a seis) para que os mesmos pudessem reorganizar o texto da forma como lhes conviesse, porém

tentando resumi-lo. Cada um escolheria que personagem faria. Feito isso, entregaram-me por escrito a cena reorganizada por eles.

Notei a necessidade de fazer uma nova reorganização do texto, para favorecer a todos nas construções de cenas. Sendo assim, teríamos uma mesma personagem feita por vários participantes, o que acarretaria um número menor de falas por estudante, e a partir daí tentar diminuir a ansiedade pela memorização das falas.

Ao propor essa atividade, percebi que todos aprovaram a nova proposta de trabalhar com o texto por grupos de cena. Demos continuidade ao processo de trabalho, agora em cima destas cenas reorganizadas.

Imagens 48, 49, 50 e 51: Reorganização do texto.





Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Apropriação do texto - aulas 13 e 14.

Essa aula foi baseada nos exercícios da *Blablação*²⁹ dados por Spolin no livro *Improvização para o teatro*, com adaptações dentro do contexto da pesquisa.

Distribuí aos estudantes as cenas que foram reorganizadas por eles na aula anterior. Reunimos em grupo de acordo com cada cena, num total de seis grupos e, consequentemente, de seis cenas.

Nesse jogo de apropriação de texto, solicitei que cada grupo propusesse uma forma de mostrar sua cena para uma pessoa surda ou para um estrangeiro que não sabe falar português, teriam de se expressar por meio do corpo. Caberia ao grupo decidir se queriam ou não usar as falas do texto, porém a cena teria de passar a informação do texto em termos de situações, lugares, emoções e sensações. Um dos objetivos dessa atividade era que os grupos explorassem o corpo e suas formas de expressão, haja vista que nas últimas aulas eles se mostraram tímidos. Avisei que na aula seguinte convidaria um surdo para que mostrassem as suas elaborações, com o intuito de ele dar depois o retorno do que compreendeu das cenas.

O jogo foi realizado em sala de aula. Cada grupo procurou um espaço entre as mesas para se agruparem e pensarem nas criações de expressão com o corpo. A turma se envolveu com as novas cenas que foram reorganizadas, uma vez que cada um teve a oportunidade de escolher a personagem que iria fazer, dando maior liberdade de

²⁹ (SPOLIN,1979,p.109-114 e 204-205) Fisicalização: Plateia Surda. Dois ou mais jogadores... Ponto de Concentração: comunicar uma cena para uma plateia surda.

participação entre eles. Novamente aqui parecia a aula da “bagunça produtiva”, viam-se movimentações de braços, uns pulando, outros balbuciando o texto, exagerando nas expressões. Alguns perguntavam se falar o texto ajudaria, a que eu respondia que sim. Acrescentei dizendo que há surdos que fazem leitura labial, conseguem ler as palavras ditas olhando diretamente para os lábios ao serem pronunciadas, mesmo assim não conseguem entender tudo, pois a sua primeira língua é LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e não o português. Outros não conseguem fazer a leitura labial, por isso eles deveriam encontrar as formas corporais para se expressarem ao surdo, de forma que ele entendesse o que estaria acontecendo na cena.

Imagens 52, 53, 54, 55 e 56: Os grupos reunidos.





Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Buscaram entrar na proposta entre o jogo e o texto, e com isso se apropriaram do texto. Os estudantes empenharam-se nesta busca de expressões por meio do corpo. Ao fim, pedi para alguns relatarem a aula.

Relato de uma estudante:

Hoje a aula foi bem diferente, a professora na aula passada pediu para nós separar uma fala, uma parte do texto e escrever em uma folha separada, ela fez um xerox das nossas falas para nós ensaiar, da maneira que ela fez hoje foi ótimo porque nós usamos gestos porque vamos apresentar para um surdo, então vamos ter que usar e ensaiar mais gestos. Os alunos hoje se comportaram bastante na aula. Meu grupo fez bem o que eu queria fazer, eu e minha colega combinamos de ensaiar hoje na casa dela, vai ser bem legal. (K. L.)

Apropriação do texto - aula 14.

Por perceber a necessidade de prosseguir com o jogo teatral na busca de tentar levar os estudantes a se expressarem por meio do corpo e utilizar o texto, fomos em direção ao quiosque para a realização do jogo teatral baseado nos jogos Siga o Seguidor #1 e Fala Espelhada #2³⁰, sendo adaptados para o contexto da aula e havendo desdobramentos.

³⁰Jogos Teatrais: Fichário de Viola Spolin, (2014), “**C38-Siga o Seguidor #1**- Foco: Seguir o seguidor. **Descrição:** Time de dois. Um jogador é o espelho, o outro o gerador dos movimentos. O diretor

Em duplas, iniciamos com um aluno sendo o espelho e outro o “gerador dos movimentos” (Spolin,2014). Um de frente para o outro, depois de um tempo, pedia a “mudança” (Spolin,2014) para que invertessem as posições, um da dupla seria o que propunha os movimentos e o outro o espelho refletindo os mesmos movimentos e vice-versa.

Em seguida, fiz desdobramentos dando-lhes as próximas instruções: quem iniciou sendo o espelho começaria e faria seus movimentos e expressões de acordo com o que eles imaginasse de como seriam as de sua personagem; fui dando instruções faladas, como: Esse personagem faz careta? É nervoso ou calmo? Triste ou alegre? Chora ou ri? Dança? Como levanta os braços, as pernas? Como movimenta a cabeça? Pisca? Movimenta a boca como? E o outro seguia na tentativa de refletir os movimentos e expressões pelo espelho, logo pedi ”mudança”, quem era o espelho passaria a refletir.

Dando continuidade aos desdobramentos, pedi que cada um escolhesse uma fala de sua personagem, um de cada vez falaria tentando expressá-la com os movimentos criados por ele; quem iniciou sendo o espelho deu início e o outro seguiu na tentativa de refletir falas e expressões ao mesmo tempo. Dada a “mudança”, inverti: quem era o espelho passou a refletir. Após as inversões, deixei-os por um tempo sem lhes dar instruções e sem pedir “mudança”, ficaram um tempo na liberdade de quem ora iria ser espelho, ora iria refletir.

Em seguida, pedi que cada dupla fizesse para toda a turma a apresentação, as respectivas falas escolhidas com os movimentos e as expressões improvisadas criadas dentro do jogo, de forma a espelhar e a refletir, ou seja, sendo falas, movimentos e

inicia o jogo de espelho normal e então diz *Mudança!* para que os jogadores invertam as posições. Essa ordem é dada a intervalos. Quando os jogadores estiverem iniciando e refletindo com movimentos corporais amplos, o diretor dá a instrução *Os dois espelham! Os dois iniciam!* Os jogadores então espelham um ao outro sem iniciar. Isso é capcioso- os jogadores não devem iniciar, mas devem seguir o iniciador. Ambos são ao mesmo tempo o iniciador e o espelho (ou seguidor). Os jogadores espelham a si mesmos, sendo espelhados”. “**C36-Fala Espelhada #2-** Foco: Espelhar/refletir as palavras do iniciador em voz alta. **DESCRIÇÃO:** Times de dois jogadores. Os jogadores permanecem um de frente para o outro e escolhem um tema para conversar. Um dos jogadores é o iniciador e inicia a conversa. O outro jogador reflete e espelha em voz alta as palavras do iniciador. Ambos os jogadores estarão falando as mesmas palavras em voz alta exatamente no mesmo momento. Quando é dada a instrução *Troca!* os jogadores mudam de posição. Aquele que refletia se torna o iniciador do discurso e o que iniciava passa a ser o refletor. As trocas devem ser feitas sem interrupção da fluência das palavras. Depois de algum tempo, não será mais necessário que o coordenador dê a instrução para as trocas. Os jogadores irão seguir o seguidor no discurso, pensando e dizendo as mesmas palavras simultaneamente, sem esforço consciente.”

expressões juntas, e o outro seguiria na tentativa de refletir; depois inverteria, quem refletiu espelharia. Dei-lhes um tempo para criar e até as duplas se entrosarem.

Percebi que ao se posicionarem para a turma toda, fazendo o jogo de refletir e espelhar ao mesmo tempo, todos de uma só vez, mostraram-se menos tímidos, os movimentos e expressões se expandiram. Quando partiram para as apresentações em duplas, sendo observados pelo grande grupo, ressaltou a timidez, os movimentos e expressões voltaram a se retrair, ou seja, o que antes eram vistos mais explorados ficaram reduzidos, fechados, curtos e rápidos. Os estudantes interagiram e seguiram as instruções do jogo proposto, seja ele em grupo, seja em duplas.

Percebi aqui esta interação com o grupo para indagar: porque o estudante ao ser o centro das atenções, ao ser observado quando está sozinho em cena ou em dupla, se retrai? O grupo numeroso fortalece um ao outro? A criatividade de movimentos e expressões são ampliadas, fortalecidas diante de um grupo maior? Essas indagações atravessaram em meio a várias ações propostas dentro e fora da sala de aula, nos momentos de criar, de improvisar o texto e também nos jogos teatrais. As limitações de espaço (quiosque: um espaço aberto), uns mais e outros menos interessados, horário de cinquenta minutos para as ações, o observar do outro, tudo isso os limita a criar de forma menos desinibida? Obstáculos como estes podem atrapalhá-los a se divertir, brincar, criar por meio do jogo teatral? Até que ponto os jogos teatrais, para o processo de criação de cena com um grupo numeroso de estudantes, cerca de 30, dentro de hora/aula de cinquenta minutos, uma vez por semana e restrito à sala de aula, podem contribuir para a criação e construção de cenas?

Imagens 57, 58, 59 e 60: Quiosque. Em filas, um de frente ao outro, percebe-se mais a reprodução de movimentos e expressões.





Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Imagens 61 e 62: Cada um fazendo seus próprios movimentos e personagens um para o outro.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Aproximação - aula extra - aula 15.

Diálogo Cantado³¹, o jogo foi adaptado e utilizando-se de texto.

Essa aula ocorreu em um horário de módulo, no quiosque, pois nós professores temos que cumprir uma carga horária de dois módulos de cinquenta minutos dentro da escola. Pedi a permissão ao professor do horário pra retirar alguns estudantes. Foi possível retirar os componentes do grupo da cena 2, alguns estudantes haviam faltado, no entanto a cena 2 foi possível retirar.

O intuito foi de proporcionar uma aproximação entre o grupo e a professora.

Pedi ao grupo para improvisar a cena, de forma que falariam os diálogos do texto cantado no ritmo que escolhessem, e dei-lhes exemplos: *Rap*, *Funk*, *Forró*, dentre outros. Outra instrução foi a de que deveriam pensar onde estariam na floresta. Dei-lhes exemplos: um poderia estar em cima de uma árvore, outro escondido atrás de uma pedra, um na beira do rio sentado, ou seja, ficaria a liberdade de cada qual onde estaria. No entanto se posicionariam distante um do outro para cantar suas respectivas falas do texto um para o outro. Dei-lhes cerca de vinte minutos para as criações.

Imagens 63 e 64: Cena 2 (apresentação somente para a professora).



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Logo após a apresentação da cena cantada, pedi que elaborassem uma improvisação da cena com ações e expressões de sentimento de raiva, ou seja, todas as expressões corporais e as falas do texto deveriam ser dadas com raiva. Dei-lhes cerca de cinco minutos para improvisarem e logo em seguida apresentaram.

³¹ Jogos Teatrais: Fichário de Viola Spolin, (2014) “**C13-Diálogo Cantado:** Foco: Cantar todo diálogo. Descrição: Dois ou mais jogadores em acordo sobre Onde, Quem e o Quê. Todo diálogo deve ser cantado”.

Percebi que os estudantes gostaram da aula extra com um grupo só e perguntei-lhes como foi estar no quiosque só um grupo? Responderam: “foi melhor”, “nos soltamos mais”, “nos aproximou mais”.

Escravos de Jó - aula 16.

Jogo infantil de cantiga de roda. Aprendi na época da graduação. Utilizei-o várias vezes nas oficinas extracurriculares. Esta aula foi realizada fora de sala de aula, no quiosque.

Antes de sairmos para o quiosque, pedi aos estudantes que pegassem suas bolsas de lápis para levarem com eles. Já no quiosque, fizemos um círculo de mãos dadas, nos sentamos no chão, expliquei que as bolsas de lápis deveriam estar no chão na frente de cada um.

Antes de iniciarmos, falei que o jogo iria exigir concentração e agilidade, a partir de então deveriam tentar-se concentrar.

Perguntei a eles se conheciam a canção Escravos de Jó³². A maioria respondeu que não. Cantei para que aprendessem a letra e a melodia. Após todos aprenderem a música, expliquei que a bolsinha tinha que ser passada para o colega da direita enquanto íamos cantando. Fizemos a primeira tentativa do jogo somente para aquecerem e se familiarizarem. Recomeçamos várias vezes até aprenderem a canção. Muitos se atrapalharam ao passarem a bolsinha para o colega e com isso os outros também se atrapalharam para repassarem.

³²**Descrição do Jogo:** Todos fazem um círculo de mãos dadas, sentam-se, parados, com algum objeto na mão direita e no ritmo da canção iniciam o jogo passando o objeto para o colega da direita e o outro recebe e repassa para o colega da direita também, quando chega às palavras “Tira” (eles tiram o objeto do chão) “põe” (coloca novamente no chão), “deixa ficar” (eles deixam o objeto no chão), “Guerreiros com guerreiros” (continuam a repassar para o jogador da direita), “fazem zigue zigue, zá”, (no “zigue, zigue” vai e volta, sendo o primeiro “zigue” para o da direita (não deixa o objeto) o segundo “zigue” (volta para ele mesmo) e no “zá” (passa o objeto para o da direita), após o “zá”, recomeça o jogo. Quando aprendi o jogo na graduação, cantamos a letra com variações, sendo: Primeira vez: Lá, Lá, Lá... Segunda: Hum Hum Hum...Terceira: Em silêncio. Quarta: Normal.

LETRA:

Escravos de Jó, jogavam caxangá.

Tira, põe, deixa ficar.

Guerreiros com guerreiros, fazem zigue zigue zá.

Guerreiros com guerreiros, fazem zigue zigue zá.

Fiz uma subdivisão transformando o grande grupo de 30 alunos em dois grupos, para que assim pudessem aproximar-se mais. Continuamos a jogar, acrescentando variações como: Primeira vez, Lá, Lá, Lá...; segunda, Hum, Hum, Hum...; terceira, em silêncio; quarta, normal.

O jogo proporcionou aproximação entre ambos, pois levou-os a sentarem em roda, o que provocou um clima de descontração. Houve participação de toda a turma. Buscaram-se concentrar, entraram no jogo. Percebi que gostaram do jogo pelo que falou a maioria, ao me perguntarem se íamos jogar este jogo novamente, em outra aula.

Imagens 65, 66, 67, 68,69 e 70: Quiosque. Escravos de Jó.





Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Aproximação - aula extra - aula 17.

Diálogo Cantado - jogo supracitado na aula extra 15.

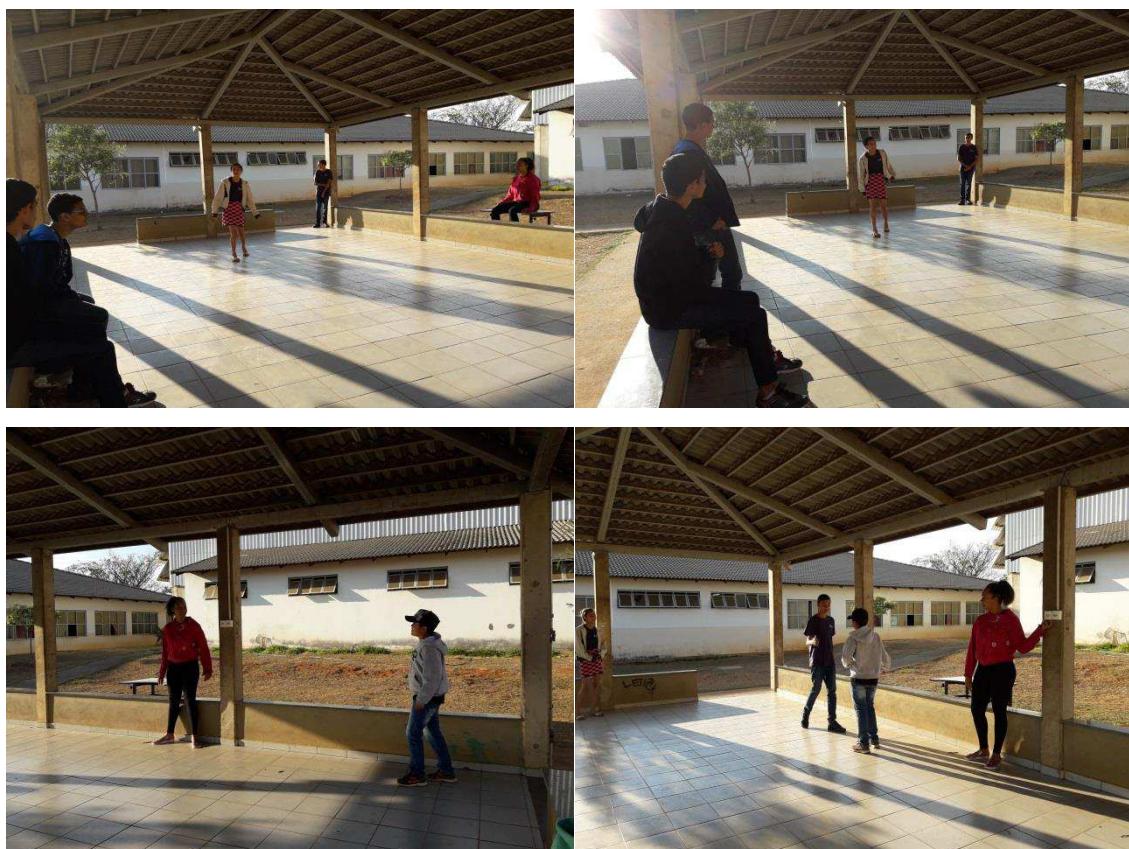
Com o mesmo intuito da aula extra 15, de proporcionar uma aproximação entre o grupo e a professora. Foi possível a retirada da cena 3, ou seja, do grupo 3.

Chegando ao quiosque, expliquei como seria o jogo, improvisar a cena, de forma que falariam os diálogos do texto cantado, com o ritmo que escolhessem. Deixaram cerca de dez minutos para planejarem a improvisação.

Observei o grupo interagindo, deixei-os livres para criar dentro das instruções. O grupo começou se posicionando, cada um num canto do quiosque, buscando seguir as instruções, movimentando e cantando os diálogos do texto em ritmo de *rap*.

Ao mostrar para a professora, a improvisação foi em roda; ressaltou certa timidez, riam e olhavam um para o outro, um com braços fechados, outro com a mão no bolso, iam tentando cantar o texto com o ritmo de *rap*, mas quando buscaram criar entre eles, posicionaram cada um num canto, como foi dado na instrução.

Imagens 71, 72, 73 e 74: aula extra17. Criação entre eles.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Imagens 75 e 76: Apresentação para a professora. Em roda. Ressaltando a timidez ao se apresentar.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Com os grupos das cenas 4, 5 e 6, não foi possível fazer a aula extra, devido a várias tentativas de retirar o grupo e sempre faltar um ou mais componentes do grupo.

Comunicar-se - aula 18.

Esta aula seria como nas aulas 13 e 14, uma continuidade, baseado no jogo *Blablação: Língua Estrangeira #1* (B14)³³, todavia adaptado ao contexto. Cada grupo elaboraria uma improvisação da cena, comunicando-a, por meio de expressões corporais e que não se preocupassem em falar texto. Acrescentei dizendo que a improvisação seria apresentada na próxima aula para a turma e para um surdo. Disse a eles que este surdo é um amigo meu, e que o convidaria. Acrescentei dizendo que as expressões teriam de passar um sentido compreensivo para o meu amigo surdo, passar alguma coisa referente ao contexto de cada cena.

Além de mostrar para o surdo as criações, com intuito de comunicar o sentido da cena, sendo de forma improvisada, outro objetivo da aula foi tentar levar os estudantes a explorar expressões por meio do corpo.

Fiquei observando os grupos e podia ver movimentações de braços, cabeça, boca balbuciando palavras, como se estivessem explicando os diálogos da cena. Uns pulando, outros trombando entre si, expressões de susto colocando as mãos no peito. Os

³³Jogos Teatrais: Fichário de Viola Spolin, (2014) “**B14: Blablação: Língua Estrangeira #1.** Foco: Comunicar-se com o outro que não fala a mesma língua. DESCRIÇÃO: Times de dois jogadores entram em acordo sobre Onde, Quem, Quê de forma que cada jogador fale uma língua própria que o outro jogador não entende. Ambos os jogadores usam apenas a *Blablação*. Exemplos: “conseguir um visto em um país estrangeiro”; “comprando alguma coisa em uma loja de roupa”.

estudantes seguiam na tentativa de buscar quais ações comunicariam a cena ao surdo. Após o tempo determinado, pedi que cada grupo apresentasse o que havia criado.

Muitos não conseguiram-se soltar ao se apresentarem, alguns riam, outros com mãos fechadas, demonstrando vergonha. Todavia, percebi que a maioria tentou fazer a seu modo. A maioria dos grupos se mostrou tímida na apresentação.

Imagens 77, 78, 79 e 80: Momentos de criações. Várias movimentações e expressões.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Imagens 81 e 82: Ao apresentarem para a turma. Poucas expressões e movimentações.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Apresentação para o surdo - aula 19.

A todo o momento, eu vinha buscando por meio dos jogos, levar os estudantes às ações de forma a se expressarem por meio do corpo e utilizando o texto, com objetivos de criações, elaborações e sempre pensando nas cenas.

O surdo cujo nome é Diogo Pereira, meu amigo, convidado por mim, ao chegar no horário de Arte entrou na sala de aula e logo podiam-se ver os olhares atentos dos estudantes. Cumprimentou a todos com um “oi” e um “bom-dia” em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais); fiz a tradução por eu ser também intérprete de LIBRAS. Disse ao Diogo que estávamos honrados com a presença dele conosco e o agradeci por ter aceitado o meu convite. Convidei todos para irmos para o quiosque onde aconteceriam as apresentações que foram criadas nas aulas anteriores. Dei um tempo para que cada grupo se organizasse e imediatamente iniciamos.

Anteriormente, havia comunicado ao Diogo que, as apresentações tratava-se de improvisações criadas pelos estudantes e que o intuito era de mostrar pela expressão corporal, pelo sentido e pelo contexto das falas de um texto teatral. Podia-se perceber que uns já estavam nervosos e ao mesmo tempo curiosos com a atenção do Diogo.

Alguns participantes mostraram-se tímidos, outros eufóricos, ao se apresentarem para o Diogo, visto que o mesmo estava com o olhar atento na apresentação de cada grupo, a maioria conseguiu mostrar e apresentar a cena. Alguns pronunciaram o texto, outros não. Vários estudantes faltaram à aula e por isso houve grupo que não quis apresentar-se.

Perguntei em LIBRAS ao Diogo o que ele havia compreendido ao ver as apresentações. Ele respondeu em LIBRAS, e fui traduzindo para os estudantes. Disse perceber alguns tímidos e envergonhados e entendeu que em um grupo teve expressão de um susto quando os dois estudantes trombaram entre si e colocaram a mão, um na cabeça, o outro no peito; e em outro grupo, que alguém pedia a mão de alguém em casamento quando o estudante se ajoelhava e beijava a mão da outra; e que tinha um personagem do Saci, pois ele foi pulando de uma perna só e depois se ajoelhou, e a outra estudante estendeu-lhe a mão. Sobre uma das improvisações ele não conseguiu entender nada, percebeu que ficaram falando o texto e os estudantes ficaram de pé sem fazer nenhuma expressão que desse para ele entender o contexto de algo na cena. De outro grupo ele entendeu que houve um diálogo e que chamavam a atenção do Saci,

pois alguns da cena apontavam o dedo para o Saci e balançavam várias vezes o dedo, com olhares de expressões zangadas. Entendeu também que entrou alguém que era importante, pois a estudante entrou na cena abrindo os braços e colocando as mãos nos cabelos, e ao entrar os outros fizeram reverência como respeito, dobrando os joelhos como fossem se abaixar.

Percebi que o Diogo compreendeu o contexto de várias cenas. A turma pediu para agradecer a sua vinda e que foi bom ter presencialmente um surdo na aula para apresentarem, mesmo eles sendo tímidos. O Diogo agradeceu ao convite e disse que se sentiu honrado.

Imagens 83 e 84: Apresentações. O Diogo Pereira é o quarto integrante da esquerda para a direita na imagem 84.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Quadro de cena estático - aula 20.

O trabalho começou a dar certo desânimo entre alguns estudantes, prejudicando os outros. Diante disso, decidimos não fazer a apresentação para toda a escola, como planejamos, e sim para um professor de matemática (Professor Lucas) que escolhemos para ver a apresentação final em forma de exercícios. O nosso tempo de horas/aulas semanais era pouco e já estavam terminando as do segundo semestre, nos restariam poucas aulas práticas, pois logo em seguida seriam feitas as avaliações finais do ano letivo, o que diminuiria o fluxo de estudantes presente nas aulas. Então decidimos que na penúltima aula mostraríamos para o professor de matemática, como forma de exercício, ou seja, da mesma forma como vínhamos trabalhando, texto aliado ao jogo.

Com o intuito de continuar a conduzir e provocar nos estudantes o interesse de se expressar por meio do corpo as cenas do texto teatral *O caso dos Pirilampos*, expliquei o jogo desta aula.

Baseado na ideia do “Quadro de Cena”³⁴ um jogo da Spolin (2014), porém adaptado. Expliquei que trabalharíamos o “Quadro de cena” estático, nos níveis: baixo - agachado da cintura pra baixo, médio - joelhos dobrados, alto - em pé, ereto. Cada grupo escolheria uma fala do texto, porém sem pronunciá-la e elaboraria três quadros de cena estáticos expressando por meio do corpo e cada nível sendo diferente um do outro. Após mostrarem esses quadros de cenas estáticas, o grupo falaria para a turma qual fala escolheu.

³⁴Jogos Teatrais: Fichário de Viola Spolin, (2014) “**QUADRO DE CENA**. Foco: Criação em grupo. Mostrar que uma parte de você é você inteiro. DESCRIÇÃO: Os jogadores se movimentam para dentro e para fora de cena e em torno um dos outros. Quando for dada a instrução *Quadro de Cena!* Os jogadores devem instantaneamente ficar parados. Se alguns deles não estiverem visíveis para a plateia, continue a dar a instrução *Quadro de Cena!* Os jogadores devem ficar visíveis instantaneamente. Alguns se ajoelham, outros levantam os braços, aparecem cotovelos. Muitas formações interessantes criadas ao acaso podem aparecer. **VARIANTES** 1. **QUADRO DE CENA EM MOVIMENTO**. O grupo se movimenta continuamente, ficando visível todo o tempo. 2. **DAR A MOLDURA PARA UM JOGADOR INDIVIDUAL**. Os jogadores se movimentam para dentro e para fora de cena e em torno uns dos outros. O instrutor chama o nome de um jogador individual. Todos os jogadores seguem esse jogador, dando-lhe a moldura no quadro de cena. *Pare!* *Quadro de cena!* Repita com outros jogadores. 3. Dois times, um é observador. Quando cada quadro de cena estiver congelado, os jogadores na plateia ou os próprios jogadores em cena escolhem um Onde, Quem e O Que a partir das sugestões feitas pelas posições dos jogadores. Isso pode ser feito com um jogador individual ou com um grupo.

Cena 1: Escolheram mais de uma fala:

“- Oh! - Que susto! - Onde está o menino? Não quero ficar presa numa caixa de sapato não!”

Imagens 85, 86 e 87: Mostrando os quadros de cenas estáticas.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Cena 2: Escolheram mais de uma fala.

“Hoje é dia, hoje é dia, hoje é dia de festa! Viva o riso de alegria. Rainha da Floresta. Pois então, vou pedir a mão da Iara em casamento.”

Imagens 88, 89 e 90: Mostrando os quadros de cenas estáticas.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Cena 3: Escolheram mais de uma fala.

“- Você me paga! Foi você quem me deu a ideia de roubar o favo de mel! - Você me paga! Foi você quem me deu a ideia de dar de presente a cobra coral. - É mesmo, vamos fazer as pazes.”

Imagens 91,92 e 93: Mostrando os quadros de cenas estáticas.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Cena 4: Escolheram mais de uma fala.

“-Hoje é dia, hoje é dia, hoje é dia de festa! - Obrigado a todos. - Hum, só o Saci não veio nos felicitar.”

Imagens 94, 95 e 96: Mostrando os quadros de cenas estáticas.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Cena 5: Escolheram mais de uma fala.

“- Quais são as novidades da floresta? Mas como vocês estão tristes! A Iara e o Sol não ficaram noivos? Não foi um noivado feliz? - Quem é que está atrapalhando o noivado, árvores? - O Saci!”

Imagens 97, 98 e 99: Mostrando os quadros de cenas estáticas.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Cena 6: Escolheram mais de uma fala.

“- Permiti que beije sua mão, Majestade? - Sua mão real onde meu amo, o Sol, colocou um anel de noivado?”

Imagens 100,101 e 102: Mostrando os quadros de cenas estáticas.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Foi interessante essa aula pelo quanto se envolveram e entraram no jogo. Foram notáveis as improvisações dos quadros de cenas estáticas feitas nos níveis baixo, médio e alto.

A intenção foi a de provocar na turma as ações e instigar a pesquisarem expressões por meio do corpo, com a fala que cada grupo escolheu. Foram mais de uma fala e foram significativas dentro da proposta.

Perguntei à turma sobre a atividade do quadro de cena estático, como foi pensar nestes níveis e como foi criar as improvisações. A maioria respondeu que se soltou mais, perceberam que criaram por meio do corpo expressões com falas do texto.

Poucos minutos antes de terminar a aula, pedi que todos tentassem memorizar esses quadros de cenas estáticas que haviam elaborado, pois na aula seguinte retomaríamos e daríamos continuidade à mesma proposta, só que com variações.

Quadro de cena em movimento - aula 21.

Continuidade do jogo: “Quadro de Cena”, porém pensando dentro da “Variante 1”. Os estudantes já sabiam que daríamos continuidade à mesma proposta da aula anterior. Expliquei que os quadros de cena seriam em movimento seguindo os níveis baixo, médio e alto; que além das falas escolhidas na aula anterior, teriam de escolher mais duas falas das respectivas cenas e, além de serem em movimento, deveriam pronunciá-las ao se apresentarem.

Os estudantes se espalharam pela sala, escolheram as falas do texto, trabalharam em grupo, deram continuidade às criações dos quadros de cenas. Agora, em movimento, buscaram expressar e movimentar o corpo. Dei-lhes cerca de vinte minutos para logo em seguida mostrarem para toda a turma em forma de improvisação o que elaboraram³⁵.

Imagens 103 a 107: Grupos reunidos.



³⁵ Imagens 108 a 113 são do grupo de Cena 1. Escolhi postar somente fotos de um grupo, porque havia grande número de fotos desta atividade.



Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Imagens 108 a 113: Grupo 1 - Cena 1. Mostrando as improvisações para toda a turma.





Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

A maioria buscou construir suas cenas por meio do corpo e com expressões pensando nos níveis, uns mais tímidos outros menos, mesmo assim se apresentaram para a turma.

Ao finalizarem as apresentações, a turma toda aplaudiu alegremente. Acredito que os aplausos foram uma reverberação de que possivelmente gostaram da aula e do envolvimento de todos os grupos. Aproveitei o momento de aplausos e iniciei um bate-papo sobre o jogo, dizendo-lhes que os quadros de cenas em movimento feitos com o corpo, foram planejados com entusiasmo e com a participação efetiva de todos, haja vista que o jogo os incentivou a pensar, criar e construir a cena. Continuei dizendo que minha intenção em relação ao jogo era a de que todos pudessem perceber que para fazer teatro não é somente decorar o texto, decorar falas mecanicamente. Em lugar disso que eles experimentassem, vivenciassem o teatro por meio do texto teatral. Disse também que é importante estudar esse texto pensando e pesquisando quais formas podemos dar a ele e como expressar as falas de um texto, os diálogos, e como queremos apresentar o texto. Fui indagando a turma, com intuito de os levar a refletir, fazendo perguntas:

Quais maneiras querem fazer e falar um texto de teatro? Sentados? Em pé? Deitados? Pulando? Com medo? Com frio? Alegres? Tristes? Chorando? Em cima de uma pedra? Ou embaixo de uma mesa? Ou deitado no chão? Ou sentando no chão? Muitos foram os questionamentos, em que pudessem ir refletindo dentro de todo o nosso processo. Relembrei os jogos que realizamos; a maioria foi com intuito de os instigar, os levar às ações com propósitos e perspectivas de construções partindo dos diálogos do texto.

Logo em seguida, havia pedido para que cada estudante escrevesse sobre nossa aula. E lembrei-lhes que na próxima aula fariam as apresentações para o professor de matemática e que seria em forma de exercício, seguindo a mesma proposta do jogo: Quadro de cena em movimento, nos níveis baixo, médio, alto.

Cito alguns relatos:

A aula de hoje foi muito legal, porém teve alguns com vergonha e que precisava se soltar mais, e as cenas de baixo, médio e alto são as mais produtivas porque mexe mais o corpo e brinca muito mais com o teatro e eu posso ver o potencial da nossa sala, mas precisa deixar a vergonha de lado e parar de conversar nas apresentações e incentivar quem não quer fora isso as aulas de artes é muito bom. (E.M.C.).

A aula da professora foi legal, ela fez uma ideia que a gente teve que montar três jeitos de tipo, um jogo tinha que ser alto, médio e baixo, mas o que eu achei mais interessante foi o alto e o que eu tive mais dificuldade. (A.F.S.).

Eu achei muito legal e impressionante a aula sobre a gente fazer a peça baixo, média e alta, pois nos ajuda a tirar um pouco da vergonha, a timidez, a parte que eu achei um pouco difícil foi a parte média, que a gente tem que se equilibrar naquela parte, e assim a parte também que eu mais gosto é a parte da Iara que tem que ter concentração, foco, interesse, mas eu vou tentar até conseguir até o final, seguir em frente, porque quando quero alcançar alguma coisa ninguém me segura. Vou até o fim. (S.P.S.).

Gostei muito da aula de artes, tá me ajudando bastante a deixar a timidez de lado, eu achei mais difícil a aula anterior das cenas paradas, sei lá, parece que foi mais difícil fazer, mas foi bom, essa aula de hoje já foi melhor, já ajudou bastante, não tem que melhorar nada, do jeito que tá está ótimo, o ruim são os alunos (alguns) que não querem ajudar, isso meio que atrapalha, mas tirando isso, o resto, está ótimo. Vai ser muito legal quando a gente for apresentar, vai ser muito legal! ... É isso... (T.T.S.).

Apresentação em forma de exercício - aula 22.

A apresentação foi nesta aula 22 para o professor de matemática e para a turma toda. O professor estava em horário de módulo e pôde assistir à apresentação, uma vez que já havíamos conversado sobre dia e o horário.

Iniciei relembrando a turma como seria a apresentação de cada grupo: em forma de exercícios, seguindo a mesma proposta dos níveis baixo, médio e alto, todavia em

movimento pronunciando as falas que escolheram de acordo com o que haviam elaborado nas aulas anteriores.

Imagens 114 a 126: Apresentações.







Fotos: Marna Cristiane. Uberlândia, 2017.

Em nossa aula da apresentação em forma de exercícios para o professor de matemática, alguns estudantes faltaram; em consequência disso, dois grupos não quiseram apresentar, pois suas cenas ficariam desfalcadas, daí optarem por não se apresentar.

Alguns se mostraram tímidos ao se apresentarem, mas a maioria se mostrou disposta. Muitas expressões criadas na aula anterior foram esquecidas, mostrando-as reduzidas. Pouco antes de terminar a aula dei-lhes os parabéns. Mesmo alguns se mostrando tímidos, apresentaram os quadros de cena em movimento, expressando-se por meio do corpo nos níveis baixo, médio e alto. Aproveitei e agradeci ao professor de matemática por sua colaboração e participação e por ter aceitado o nosso convite de assistir às apresentações dos grupos. Logo em seguida deu o sinal, encerrando a aula,

não sendo possível obter o retorno do professor Lucas sobre o seu olhar a respeito das apresentações em forma de exercício, pois o cotidiano escolar não nos favoreceu ao tempo desse diálogo de retorno.

Relatos - aula 23.

Nesta aula iniciei outro bate-papo sobre as aulas de teatro e todo nosso processo. Agradeci a participação e a colaboração de toda a turma. Acrescentei dizendo-lhes que o trabalho com o texto teatral e com os jogos pode agregar e contribuir com vivências, experiências e aprendizado, sejam em grupo ou individualmente, dentro da linguagem teatral. E a partir daí, que cada um tenha suas próprias reflexões sobre o que é o teatro, como foi trabalhar com um texto teatral e participar dos jogos teatrais que foram pensados com a perspectiva de os provocar à ação e à expressão corporal, na tentativa de se levarem a criar, a improvisar, a construir, a elaborar cenas a partir do texto.

Em seguida, pedi para que cada um escrevesse a respeito de como foi o processo de trabalho nas aulas de Arte, sobre o ponto de vista deles, e me entregassem em uma folha. Encerrei essa aula recolhendo as escritas daqueles que se sentiram à vontade para entregar.

Transcrevi alguns relatos escritos e cito:

A coisa que eu mais tive dificuldade foi em me movimentar porque eu sou muito tímida. Eu acho que tinha que ter uma sala só para o teatro. O teatro me ajudou muito, porque eu era muito tímida e depois que eu fiz teatro, melhorou muito a minha timidez. O teatro é muito bom, pois ele ajudou muito depois que encurtou o texto, ficou mais fácil. As aulas que nós fizemos fora da sala foram muito boas para mim. O teatro ajudou muito a minha leitura. Com o teatro ele me ajudou muito a criar e pensar a imaginar, eu acho que eu devia ter me expressado mais, e o que mais me atrapalhou no meu grupo foi que muitas pessoas não quiseram fazer direito e aí atrapalhou muito em fazer a cena bem. Eu agradeço muito a professora por ter feito esse projeto com a gente porque me ajudou muito. Fim. (A.F.S.).

Eu aprendi muito com o teatro no começo eu até ‘tava’ com vergonha, mas depois eu fui me soltando, até que não foi tão ruim não, eu achei até bom, só que eu acho que a gente precisava de mais espaço. Meu grupo estava até empolgado. Sempre que eu chegava em casa arrumava um tempo para ensaiar. Mas sempre que eu ia pra frente apresentar eu ficava com vergonha, mas mesmo assim eu participava das aulas. Mas eu gostei muito do teatro, aprendi muito com o teatro, foi muito legal. (A.F.C.).

Artes é um disciplina muito boa, amei estar com alguns colegas encenando e produzindo as cenas, mas também tem a parte difícil que é produzir as cenas, mas faz parte, e no meu grupo não compensou, só eu e mais outra pessoa fazia e outros ficavam fazendo gracinhas, isso era ruim para mim e para o grupo todo porque assim não andamos para frente, e é isso que eu queria andar para frente com o grupo, e tipo é bom que ainda temos uma professora

perfeita para o teatro que é você professora[um coração desenhado] as vezes você tem que ser chata, mas se você não for chata, ninguém aprende! E você foi e sempre será uma ótima professora. Amei estar com todos. (M.E.S.).

O teatro representou muito para minha vida. Fazer um personagem foi muito legal, as brincadeiras, as apresentações foram boas. Representar o Saci um personagem muito difícil de fazer, mas também legal, a dificuldade também que eu tinha era de decorar o texto, mas consegui decorar e fazer uma apresentação. O grupo também me ajudou a decorar a me soltar e fazer o teatro. (E.M.C.).

Ponderações finais.

Avaliar ou ponderar não nos parece ser uma tarefa fácil; para alguns pode parecer, para outros nem tanto. Ao pensar nas ponderações finais deste caderno, logo me vieram vários pensamentos e me pus a pensar, refletir e relacionar como é interessante o ato de pesquisar. Logo que iniciamos, começam a surgir palavras, e a escrita e, passo a passo, fazendo reflexões no percorrer de cada página, rabiscamos, apagamos, aproveitamos muito do que escrevemos, ora não se aproveita nada. Ao mesmo tempo em que parece ser exaustivo, é enriquecedor; gostoso de ir materializando seu processo de pesquisa na forma das escritas. Almejamos um fechamento feliz, mesmo com todos os percalços que encontramos no caminho.

Ao pensar nesta prática realizada com estudantes do Fundamental II, refleti sobre nosso dia a dia de sala de aula, em que o professor de Arte tem 1 h/a semanal, cerca de 30 alunos por turma, ministra 16 h/a por semana, totalizando em 16 salas, isso ao longo do ano. Pus-me a refletir em nossa realidade: a de uma escola situada na periferia de Uberlândia/MG, em que a clientela é de pais que saem para trabalhar e os filhos passam horas sem a presença deles, resultando na ausência em vários contextos, como atenção, afeto, aprendizagem, acompanhamento na vida escolar, diálogos entre pai, filho e escola.

Ter inserido um projeto de pesquisa cujo tema foi *A inserção do texto teatral nas aulas de arte com perspectiva na construção de cenas* proporcionou-me momentos lúdicos, prazerosos, enriquecedores também na vida destes estudantes dentro da linguagem teatral, proporcionando-lhes conhecer e trabalhar com um texto teatral. E a partir desses momentos vividos, experimentados, professora e estudantes fizerem suas próprias reflexões dentro de todo o processo.

Neste caderno procurei relatar os passos da prática em sala de aula, com reflexões tanto dos estudantes quanto as minhas.

Foram vários sentimentos, emoções, sensações que pude vivenciar e que me fizeram aprender e distinguir que a sala de aula não deve ser “mistificada”, “engessada” de poder conhecer textos teatrais. Por ora, às vezes vêm pensamentos de que se trabalhássemos com um texto teatral em sala de aula dentro da escola pública de periferia estaríamos “matando” o texto. A pesquisa me levou a ver que depende da “forma” como vislumbramos, almejamos e olhamos para o texto em relação ao seu trabalho, sejam em escolas públicas ou não, ou em qualquer outro contexto.

A pesquisa me fez alimentar experiência que eu não tinha ainda, proporcionando-me trabalhar com um texto teatral dentro das aulas de Arte. Considero uma semente plantada. Mas os protagonistas destes relatos da prática são os estudantes que me proporcionaram experimentar, refletir, pesquisar. Só tenho a agradecer.

Referências Bibliográficas.

- PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Entre o mediterrâneo e o atlântico, uma aventura teatral.** São Paulo: Perspectiva, 2005.
- SPOLIN, Viola. **Improvação para o Teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1979.
- _____. **O jogo teatral no livro do diretor.** São Paulo: Perspectiva, 2013.
- _____. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin.** São Paulo: Perspectiva, 2014.
- VIDOR, Heloise Baurich. **Leitura e Teatro: aproximação e apropriação do texto literário.** São Paulo: Hucitec, 2016.
- Xerox do texto teatral: **O Caso dos Pirilampos** de Stella Leonards.